

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

RAULITO RAMOS GUERRA FILHO



Foto: Lídia Bernardes-Lagoa Azul - 06/07/96



Foto: Raulito Guerra-Lagoa Azul - 28/08/96

**GESTOS NOS CANTOS DA LAGOA AZUL:
crianças brincantes produtoras de cultura.**

CAMPINAS

1998

RAULITO RAMOS GUERRA FILHO

**GESTOS NOS CANTOS DA LAGOA AZUL:
crianças brincantes produtoras de cultura.**

**Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas como requisito final para a
obtenção do título de Mestre em
Educação Física. Área de Concentração:
Educação Motora.**

**Orientador: Prof. Dr. Adilson Nascimento
de Jesus**

Campinas

1998

5471283

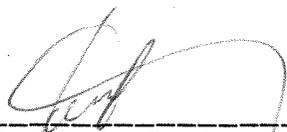
FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA- FEF - UNICAMP

G937g Guerra Filho, Raulito Ramos
Gestos nos cantos da Lagoa Azul: crianças brincantes produtoras de cultura /
Raulito Ramos Guerra Filho. -- Campinas, SP : [s. n.], 1998.

Orientador: Adilson Nascimento de Jesus
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação Física.

1. Jogos infantis. 2. Jacarei (SP)-cultura popular. 3. Cultura. I. Jesus, Adil-
son Nascimento de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Edu-
cação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por Raulito Ramos
Guerra Filho e aprovada pela Comissão
Julgadora em 29 de julho de 1998.



Prof. Dr. João Batista Freire
Presidente da Banca Examinadora

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por Raulito Ramos
Guerra Filho e aprovada pela Comissão
Julgadora em 29 de julho de 1998.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. João Batista Freire _____
Presidente da Comissão Julgadora (em substituição ao orientador Prof.
Dr. Adilson Nascimento de Jesus).

Prof^a. Dr^a Carmem Lúcia Soares _____
Membro titular

Prof. Dr. Antônio da Costa Ciampa _____
Membro titular

SUMÁRIO

BRINCANTES	1
"DE BAIRRO DO POÇO À LAGOA AZUL"	2
"A DANÇA DOS CAVALINHOS DE PAU CONTRA A DRAGA"	12
" ELÁSTICO SEM ELÁSTICO, ELÁSTICO COM ELÁSTICO"	25
"A CADEIRA É MINHA AMIGOOONA"	36
"A GENTE SOBE NA ÁRVORE. . ."	47
"MÃO ABERTA, MÃO FECHADA"	57
"O BONEQUINHO DE BARRO"	68
ENCONTROS	81
ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO (ANEXO 1)	112
ROTEIRO DE ENTREVISTA (ANEXO 2)	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116

RESUMO

Este estudo procura analisar a relação entre as brincadeiras infantis, no universo dos sons-gestos, e a produção cultural infantil em espaços, muitas vezes invisíveis. É também o encontro da arte, através da literatura, com a ciência.

Trata-se de uma narrativa de sete histórias da minha prazerosa trajetória pelas ruas de terra do bairro Lagoa Azul - Jacareí - São Paulo, no período de dezembro de 1995 a agosto de 1996, convivendo e aprendendo com crianças brincantes, através da observação diária e de entrevistas individuais.

Considerarei a cultura da criança expressa nas dimensões lúdica e criativa como ato social, que se dá em comunhão, através dos contatos corporais e verbais.

A partir dos folguedos infantis, pude encontrar elementos que corroboram a idéia de que as crianças são produtoras de cultura, não apenas consumidoras. Elas transformam em lúdico objetos e espaços; integram o saber e o fazer; repetem e treinam pelo prazer da atividade; aprendem-ensinam umas às outras; narram e dramatizam histórias, fatos e cenas do seu cotidiano. São produtoras de sonhos, de mundos diferentes do que é vivido. Elas transformam e se transformam ao mesmo tempo.

SUMMARY

This study tries to analyse the relationship between children's games, emphasizing sounds and gestures, and children's cultural productions frequently in invisible spaces. It is also the meeting of art, through literature, with science.

It consists in a narrative of seven stories of my glad way through the earth streets of the Lagoa Azul neighbourhood in Jacarei, São Paulo, during the period of December 1995 and August 1996, living with and learning with children at play, through daily observation and personal interviews.

I considered the culture of a child as expressed in ludic and creative dimensions as a social act, which happens in communion, through bodily and verbal contacts.

From childish leisure time I found elements which substantiate the fact that children produce culture, not only consume it. They change into ludic objects and spaces; integrate knowledge and doing; repeat and train for the pleasure of the activity; learn and teach one another; narrate and dramatize stories, facts and scenes from their day-to-day. They produce dreams, of worlds different from that in which they live. They transform things and themselves at the same time.

BRINCANTES

Encantava-se Kublai Kan ao ouvir as histórias contadas por Marco Polo após seu longo retorno das viagens pela China. Do mesmo modo, as histórias contadas pelas crianças do bairro Lagoa Azul encantaram-me, assim como agora causa-me deleite contar minha prazerosa passagem pelos cantos deste bairro de gente humilde.



Foto: Jadir - Lagoa Azul - 1990

"DE BAIRRO DO POÇO À LAGOA AZUL"

"Nenhuma poesia sobre o povo é autêntica se a fadiga não estiver presente nela, assim como a fome e a sede nascidas da fadiga"
Simone Weil

Brincante. Este é seu nome. Pousou no meu ombro, sussurrando. Nitidamente pude ouvir, ouço até hoje. Acompanha-me. Acompanhou-me pelo bairro. Lá estava quando eu não estava. A primeira vez falou-me através da voz de uma moradora do bairro: *"É mais digno morar na Lagoa Azul; pois, no bairro do Poço, dá a impressão de a gente sempre estar no fundo do poço"*. Em seguida voou ao encontro das crianças, brincando nos seus sonhos noturnos. Encantava-os.

Foi nesse bairro que observei brincadeiras e realizei entrevistas com a Greice, 8 anos; com o Charles, 9 anos; com a Malu, 12 anos; com o Wellington 9 anos; com a Danúbia, 8 anos e com a Érica, 9 anos.

A primeira vez que ouvi falar do bairro do Poço/Lagoa Azul foi através do amigo Jadir, psicólogo, que me introduziu no bairro. Nessa época, ele exercia a função de Presidente do Sindicato dos Servidores Municipais de Jacareí. Falei-lhe a respeito do meu interesse em desenvolver a pesquisa no Parque Meia Lua, pois já sabia que ele havia realizado trabalhos nesse bairro.

Quem segue de São Paulo em direção ao Rio de Janeiro pela rodovia Presidente Dutra, o centro do município de Jacareí localiza-se no lado direito. Do lado esquerdo, está o Parque Meia Lua, que, até então, era para mim o único bairro desse lado da rodovia. Ainda não tinha conhecimento da existência do bairro do Poço/Lagoa Azul.

A Dutra corta o município de Jacareí e separa não só a terra, mas também o povo. Os moradores do lado em que fica o centro de Jacareí demonstram alguns preconceitos contra os que moram no Parque Meia Lua, no que se refere à violência, às invasões de terra, à miséria, que são acompanhadas pela falta e precariedade de serviços públicos. Continuando a conversa com o Jadir, expliquei-lhe qual era o meu estudo, esclarecendo que

meu interesse pelo Meia Lua surgira no ano de 1989 (ano da invasão do Poço/Lagoa Azul) quando eu lá estivera junto à Escola Estadual de 1º grau, numa sala de crianças do Ciclo Básico (primeira e segunda séries), para desenvolver atividades com as crianças a convite da professora. Fiquei admirado e espantado; pois, além de a sala permanecer trancada à chave, durante as atividades as crianças ficavam com as suas mochilas junto do seu corpo por medo de estas serem roubadas ou danificadas. Além dessa constatação, fiquei também consternado ao andar pelo bairro e notar muita miséria. No entanto, as brincadeiras com as crianças foram ótimas — cantamos, dançamos, contamos histórias.

Brincante já conversava comigo desde aqueles tempos, e naquele dia escrevi o poema:

MEIA LUA
SEMPRE
MEIA LUA

LUA CHEIA

QUANDO?

Retornei ao bairro em 1994, prosseguindo meu relato, agora já com o objetivo de realizar a pesquisa. Dirigi-me primeiramente à casa de uma amiga moradora do bairro, a assistente social Angela, militante de grupos comunitários. Andamos pelo bairro, e, aos poucos, fui me colocando em contato mais próximo com a realidade local. Naquela época, todas as ruas do Meia Lua eram de terra. As feridas da terra estavam cobertas pela água da chuva, e o esgoto corria a céu aberto. O lixo, não recolhido pelo poder público, espalhava-se além do espaço de cada casa. Como era sábado, as ruas estavam movimentadas e repletas de crianças, jovens, idosos e adultos. As ruas transformavam-se em espaço para a vivência do lúdico, do convívio, da festa, do encontro que já não ocorre tão facilmente em bairros mais estruturados. Apesar das condições precárias em que viviam os moradores, havia cheiro de vida no ar.

Durante os anos de 1994 e 1995, retornei mais vezes ao bairro e, a cada retorno, eu observava as pequenas, mas significativas mudanças para os moradores, conseguidas com lutas através da organização e reivindicação dos habitantes. Essas transformações foram aos poucos me distanciando do Meia Lua, pois eu pretendia pesquisar grupos de crianças brincando em ruas de terra, e, nessa época, a maior parte das ruas já estava asfaltada. Foi por esse motivo que o Jadir sugeriu-me o bairro do Poço/Lagoa Azul (para os moradores do Meia Lua, o Lagoa Azul é conhecido por bairro do Poço). É bom destacar que a quase totalidade dos moradores que hoje residem no Lagoa Azul foram expulsos do Meia Lua por não terem condições de pagar aluguel, sendo que, em 1989, invadiram uma área pública e lá estão até hoje.

O Jadir disse-me que a prefeitura mantinha, no Parque Meia Lua, um Centro Comunitário com uma equipe multidisciplinar, da qual ele fazia parte. Os moradores do Poço/Lagoa Azul procuravam os serviços desse órgão. Por comum acordo entre profissionais e moradores, passou-se a realizar reuniões no próprio bairro. Essas eram feitas embaixo de uma árvore. Tais encontros tinham como objetivo levar aos moradores palestras e atividades de prevenção da saúde e visavam à organização dos habitantes — primeiramente junto com os técnicos e posteriormente sozinhos — para futuras reivindicações de melhorias para o bairro. Esse foi o trabalho da equipe até o momento em que a administração substituiu os técnicos por outros, que passaram a ficar sediados só no Centro Comunitário do Meia Lua, sendo impedidos de desenvolverem a mesma proposta de trabalho. Um grupo de moradores que participou do processo continua até hoje lutando pelo bairro. Isso eu pude constatar durante o tempo em que lá estive.

Tanto a árvore como o programa acabaram sendo cortados devido à atuação daqueles profissionais da Prefeitura, mas os moradores passaram a reunir-se em outros locais. *"As raízes da árvore e o trabalho dos moradores espalham-se sob o solo lentamente, mas sempre"*, confidenciou-me Brincante.

O Jadir continuou seu trabalho voluntário no bairro, mesmo atuando em outro setor na Prefeitura. Fiquei encantado e triste com as imagens trazidas pelas palavras entusiastas do Jadir. Com ele fui ao bairro.

Do Meia Lua até o Poço/Lagoa Azul são mais ou menos 2 Km. É um espaço não habitado. Há mato do lado direito e um pasto do lado esquerdo, onde se juntam cavalos, dragas e homens sugando areia de um porto à beira do rio Paraíba. De carro, pode-se vencer a distância em não mais que 3 minutos. À pé, demora-se de 20 a 25 minutos para percorrer a estrada de terra e areia por onde trafegam os areeiros. A Malu, que participou desta pesquisa, fazia o trajeto da sua casa até a creche do Meia Lua de 2^a à 6^a feira indo levar e buscar sua irmã menor.

Na entrada do bairro, há uma bela árvore (as fotos que estão na capa deste trabalho), que está com aparência cansada, pois tiraram-lhe a terra em volta para abrir caminho para a rua, e a água da chuva também contribuiu com tal erosão, deixando-lhe as raízes à vista. Parece ser uma luta da árvore contra o desenraizamento, para continuar enraizada. E parece ser também esta a luta dos moradores e (por que não dizer?) das crianças. Não estará nas brincadeiras com gestos-sons também uma resistência a esse processo?

De cima dessa árvore, as crianças subiram rapidamente para serem fotografadas. O Wellington gosta de subir nas árvores e no morro para ver as coisas lá de cima. *"Do alto, as coisas são vistas de outra forma, e as crianças vêem e gostam de ver as coisas de maneiras diferentes"*, fala-me Brincante. Realmente, as árvores parecem seduzir as crianças de lá.

Já no bairro, o Jadir apresentou-me a Sandra, que é mãe da Greice, uma das crianças-personagens deste estudo, e da Dara, na época com 8 meses de idade. A família da Sandra fizera parte do primeiro grupo a ocupar o bairro, e participou das reuniões com a equipe do Jadir, sendo atuante até hoje nas atividades sociais. A Sandra passou a ser o meu contato no bairro, apresentando-me crianças e adultos que lá moravam. A sua casa, que já era ponto de encontro para os moradores, passou a ser, no início da pesquisa, o local onde eu me reunia com as crianças: um porto seguro.

Saindo do Meia Lua, nesta primeira visita com o Jadir, não se imagina que há uma linda/poluída lagoa com casas simples em suas margens, e que há um povo que procura não se curvar diante das dificuldades que a vida lhe

impõe diariamente. Fazendo parte desse povo, há crianças que ainda têm oportunidade de brincar nos espaços de terra.

A Sandra e o Jadir apresentaram-me a outros moradores, com quem conversei nesse dia. Andamos pelo bairro. Vi um grupo de crianças entre 8 e 11 anos, a maioria meninos, fazendo lição no quintal de uma casa, sendo a professora uma menina. Vi crianças lavando louça na lagoa, transportando água das caixas de água para casa, e meninos brincando de futebol com garrafa plástica.

Retornei ao bairro mais vezes.

Eles não estão sós. Numa das minhas idas ao bairro, a Sandra fez questão de mostrar-me o local do futuro salão comunitário, que fica num pequeno terreno logo na entrada do bairro. Segundo ela, o local é importante para as crianças e para as reuniões e festas da comunidade, sendo que sua construção será realizada em mutirão, como o foi com a maior parte das casas. Pelas suas palavras, vi o salão como sendo algo concreto, um sonho que se transforma em realidade — tal como foi, para os moradores, a invasão do terreno, a construção do barraco de madeira, a mudança de tábuas para paredes de alvenaria. Quanto sofrimento e quanta alegria! A colocação da janela e da porta — simples materiais para as outras classes sociais — aqui é motivo de profunda alegria, pois não entrará mais frio na casa, protegendo os bebês de doenças; isso sem contar o piso, as telhas e tantos outros detalhes simples que são colocados como que sagradamente.

Há um telefone comunitário e seis caixas de água: três na entrada do bairro e três no final da rua principal, beirando a lagoa.

O bairro Lagoa Azul lentamente transfigura-se na figura de mulheres e homens. Em mutirão, com ajuda das crianças, o casal festeja a colocação do prego, que não é o último da casa, mas o último de um telhado. Finca-se um pedaço de si mesmo no solo. Colocam-se a janela, a porta, os vidros. Peça por peça. Gota por gota de suor, na ação e nas prestações futuras. Cada peça é uma vitória particular. Que dirá do piso, da pia, da bacia do banheiro; da dignidade em usá-lo! Ah! o ato de ligar o interruptor e iluminar os rostos das

crianças que estão nos berços, como um holofote iluminando os artistas em noite de apresentação. Cada passo é uma conquista na dura batalha com o mundo. São os atores de plantão 24 horas, sem sábados e domingos, nem feriados de folga. Atuam no grande teatro humano. Representam a dor/alegria de viver. E vivem intensamente.

Em uma das minhas andanças pelo bairro com a Sandra e a Dara, encontramos, próximos ao porto de areia, uma jovem mãe que nos convidou para entrar em sua casa. Era um cômodo, "quarto-sala-cozinha", e um banheiro cuja porta era um belo pano colorido. Tudo ajeitado, bonito, essencial. Paredes e chão decorados, e a filhinha, de mais ou menos um ano, brincando no bercinho. Paredes sem reboque, cobertura de telha de amianto, sem forro. Um pequeno quintal de terra, com pés de milho, plantas e flores, e um portão de ripas de madeira.

No bairro Lagoa Azul, não há escola, nem centro comunitário, nem equipamentos de lazer, tampouco algum órgão público. As brincadeiras das crianças ocorrem principalmente fora das casas. Lá, a rua — se é que podemos assim chamar, pois, para nós, as ruas não têm a mesma configuração, o mesmo significado, a mesma ocupação — é extensão das casas. Invade-as. Entra-se pela frente, pelos fundos. É difícil a privacidade — conceito burguês que atualmente é levado cada vez mais ao extremo, que cada vez mais separa as pessoas.

As ruas pertencem aos moradores, eles apropriam-se delas, tornando-as um espaço coletivo, sem demarcação definida. Elas se vão ajeitando conforme o tempo e as necessidades dos moradores.

Nas ruas do Lagoa Azul é onde o cotidiano é vivido. Na rua, amassa-se cimento com areia. Na rua, o trabalhador-desempregado vagueia, tropeça, cai embriagado. Acompanhei o aumento progressivo de bares no bairro, o Jadir já me falara sobre o alto índice de alcoolismo. Na rua, o recém nascido descansa no caixote-berço. Na rua, lavam-se e secam-se roupas, cozinha-se. Na rua, brinca-se desde manhã até altas horas da noite. A vida está exposta. Todos sabem de tudo. Sofrem, riem, compartilham a pobreza, o quase nada. Lutam. **E não estão sós.**

Essas impressões foram colhidas mediante observações e conversas com pessoas do bairro. Além das brincadeiras que as crianças aprenderam também com os adultos, foi-lhes também ensinado a terem força e garra para lutar neste mundo, e a criatividade é um fator intrínseco na vida dessa gente.

Gostar do bairro, identificar-se com ele, é o que as crianças que acompanharam todo o processo de transformação do bairro sentem. Um fato interessante ocorreu entre o Charles e uma menina. Eu havia percebido, pelas roupas, que ela era diferente das outras crianças. Isso ficou mais claro quando, certa feita, ao me perguntar o que eu estava fazendo lá e ao ouvir que eu iria mostrar tudo de bom e bonito que havia no bairro através das brincadeiras das crianças, ela me disse que o bairro era feio. Logo o Charles entrou na conversa, dizendo que o bairro era bonito e que ele gostava de lá. Em seguida, ela falou-me que viera do centro de Jacareí há pouco tempo.

Outro momento que demonstra a relação das crianças com o bairro foi quando perguntei para a Danúbia se ela gostava da Lagoa. *"Antes eu morava no Parque Meia Lua e vinha aqui direto nadar, em janeiro deste ano eu mudei prá cá"*

Você gosta?

Hã, hã. Quando eu morava no Parque, né?, aí eu vinha aqui, eu não gostava, queria ir embora. Agora eu moro aqui e vou lá e quero ir embora. (a Danúbia é a única das seis crianças que foram entrevistadas que não acompanhou o processo de mudança das famílias para o bairro)

As casas defronte à lagoa são quase todas de alvenaria. Já foram barracos de madeira quando a área foi ocupada. Essa lagoa é uma das várias que são formadas à beira do rio Paraíba, que então passou a ser local para tomar banho, lavar roupa, lavar louça, pescar, nadar.

A "bela-sofrida-coletiva" transformação do bairro segue em mão contrária à preservação da natureza. Portos de areia e o rio Paraíba são quase como se fossem uma só coisa. Os portos de areia são na maior parte clandestinos e irregulares. Ricos proprietários dos portos e pobres moradores estão na mesma situação, com a diferença de que empresários, além de

não morarem no bairro, não são importunados pelo poder público. A areia está sendo sugada pelas máquinas até que a última pedra seja de lá retirada, momento em que os areeiros também sairão. Só que a terra que sustenta as casas, as frutas, verduras e legumes que alguns plantam no seu quintal se misturará com as águas do rio e as da lagoa, acabando com os sonhos, com o trabalho e com as vidas desse povo. Gente e natureza desenraizados! Gente e natureza que querem se (re)enraizar. É um processo dinâmico. É uma luta travada no dia-a-dia, durante os 365 dias do ano. É a DRAGA que, a cada dia, mais se aproxima das moradias.



Voltei alegre e triste para casa. As imagens, vozes, angústias e alegrias que vivenciei nesse dia fizeram-se presentes em meu estado emocional. À noite, Brincante conversou comigo e, do nosso diálogo, escrevo:

Que cidades verei no Lagoa Azul?
Quais contarei?
Quais cantarei?
Quais declararei como dotes aos
homens deste mundo?
Serão cidades invisíveis¹ como
Ítalo Calvino, Marco Polo e Kublai Kan
tão bem reverenciaram?
Cidades que dormem quando os homens
estão acordados?
Ou que fazem parte do mundo das crianças de lá?
Refletem nas águas da lagoa?
Comemoram diuturnamente o espelho que inverte os sonhos
e pensamentos?
Que forças existem nas águas profundas da lagoa, que
dão forças
aos homens e às crianças que lá moram?

¹ Ítalo CALVINO, As cidades invisíveis.

Nos sonhos das madrugadas, as crianças reúnem-se com Brincante em diversos lugares do bairro. Os encontros são repletos de histórias: relata-se o dia de cada um. Brinca-se. Conversa-se sobre as aventuras e os medos. O riso está sempre presente. Antecipam-se situações que serão vividas. Durante minha passagem pelo bairro, o tema sempre era sobre as entrevistas que eu estava realizando. Brincante fazia as mesmas perguntas que eu fizera, não na mesma ordem, deixando as respostas das crianças como num teatro "sem pé nem cabeça" Eles reviviam momentos das entrevistas, dramatizando-os com sons e gestos. Cada dia uma criança era a personagem central, escolhendo o local da confraria².

Nos meus sonhos, eu também revivia-os e transformava-me.

² Verbetes: confraria. No teatro francês da Idade Média, sociedade teatral dedicada às representações de milagres e mistérios, bem como de farsas e pantomimas.

"A DANÇA DOS CAVALINHOS DE PAU CONTRA A DRAGA"

TERRA: para viver, plantar, criar animais, brincar. A terra marca a roupa, marca o corpo com o elástico e a corda dos jogos infantis. Abre feridas nas mãos e nos pés das crianças ao andar-correr pelo bairro.

TERRA: hoje é moeda especulativa sempre em alta, nas mãos de quem detém o poder. Por ela se morre, se mata. Demarca-se, separa-se, criam-se fronteiras, barreiras. Impede-se a presença. Cimenta-se, asfalta-se, picha-se, impermeabilizando o solo, impedindo a respiração. Suga-se da terra os minérios e os mistérios que nela estão depositados.

TERRA: as crianças do Lagoa Azul querem andar-correr-brincar livremente. Querem dançar livremente com os elásticos e com os cavalinhos de pau.

SOZINHO
NO GALOPE

JUNTA OS OUTROS
E A BAGUNÇA
TÁ FORMADA

EIA CHARLES

Charles foi o personagem central desta primeira confraria. Por que será que ele escolheu o curral para o encontro? Brincante aparece das águas do porto de areia.

Charles

Como é o teu dia?

De manhã, eu vou lá no curral, tiro leite da vaca, dou farelo lá pras vacas, solto no pasto com os cavalos, depois eu tomo banho, me arrumo e vou prá escola.

E agora, nas férias?

Tiro leite das vacas com meu pai, cuidando dos bezerro, dos cavalos, daí eu ando, eu, a minha prima e meu tio.

Eu vi que você gosta bastante de animais.

Gosto, né. Eu e o Wellington, todo domingo cedo, nós vai lá no curral, daí a gente tira leite. Aprendi a tirar leite com meu tio. Meu tio Dema. E também gosto muito de cavalo, né? Por isso que eu aprendi com ele.

Danúbia

Em que lugares vocês brincam?

No curral, aqui na casa da Greice, na casa da Érica, na minha casa e ali na rua, na frente do bar do Zézito.

A fascinação pelos animais, e pelo cavalo em particular, é imensa. Tal paixão também se deve ao fato de haver animais soltos pelo bairro e no curral do Dema, esposo da Sandra. Uma tarde, fui com ele até lá. No caminho, ele contou-me que veio do Paraná, onde morava em uma pequena roça com alguns animais. No final da Lagoa Azul, ele ocupou um terreno e construiu o lindo curral que fica num amplo (em relação aos pequenos lotes dos moradores) terreno, todo cercado e decorado com bambus. É uma visão privilegiada, pois de frente vê-se a serra da Mantiqueira. Em seu interior, havia 3 cavalos, 3 porcos e 2 bezerros. Lá estava o Charles, brincando com os animais. O Charles e o Wellington, inclusive, montam junto com o Dema. Os dois têm total intimidade com os animais, andam por todo bairro. O Dema e o Charles quase sempre vão ao Meia Lua, ou ao município de Santa Branca, que fica a mais ou menos 30 Km dali.

O terreno está localizado defronte de uma outra lagoa formada pelas águas do Rio Paraíba, e como é local de extração de areia, a água vem avançando em direção ao curral e às casas. É uma batalha invisível, travada diuturnamente entre o bairro Lagoa Azul e as DRAGAS.

Numa tarde ensolarada de sábado, fui ao bairro acompanhado da Lídia, minha amiga jornalista-fotógrafa, e com a Ângela, minha esposa. A Lídia iria participar de um concurso de fotografia sobre Ecologia e escolheu como tema o rio Paraíba e os Portos de Areia que estão descaracterizando a paisagem do rio e invadindo as terras próximas. Ela soube por alguns amigos que, no Parque Meia Lua, a situação é mais delicada devido à proximidade dos portos com as residências. Levei-a para contatar a Sandra que nos acompanhou para a sessão de fotos, também da Dara, pois assim eu havia combinado com a Sandra.



A Greice, a Érica e a Danúbia estavam também prontas para a sessão de fotos. O traje dizia que elas também queriam ser fotografadas. Apareceram por lá o Charles e o Wellington, vestidos como no dia-a-dia. Os dois disseram-me que não sabiam que eu viria, como que tentando dizer-me que, se soubessem, também se teriam arrumado. Eu lhes disse que eu só tinha vindo acompanhar a Lídia e que ela iria fotografar o rio Paraíba e os portos de areia. Saímos em direção ao fim do bairro de onde era possível avistar o porto de areia localizado junto ao curral. Como o local oferecia muitas opções, a Lídia começou a tirar fotos das crianças e do local. Sugeri que elas subissem no cavalo, e logo o Charles foi aprontá-lo, colocando sela e outros apetrechos. Ele queria embelezá-lo. E foi o que fez. Foi outra festa!

É claro que este processo de identificação com os animais deve-se não só à atenção das crianças ao seu meio, mas também aos rodeios a que elas assistiram durante a Fapija — Feira Agropecuária de Jacareí — onde desfilaram animais. Há também a influência dos adultos (parentes e vizinhos) que, no caso, criam alguns cavalos no bairro. É claro que o meio lhes proporciona tudo isso, mas o interesse por saber, por querer estar com os animais, sejam eles reais ou fictícios, é das crianças. Portanto, elas estão atentas àquilo que lhes faz sentido. O Charles é quem deve ter incentivado brincadeiras com os cavalinhos de pau.

Charles

Outra coisa que vi vocês brincando foi de cavalinho. Como que é? Um dia eu vi você e o Wellington.

E o Leandro (outro amigo seu, ele logo completou). Nós arruma um bambu e daí amarra aqui na pontinha do bambu uma cordinha, daí a gente sai brincando. Quando a gente não pode ficar andando de cavalo, porque os cavalos tá machucados, daí a gente sai brincando. A nossa brincadeira mais preferida, dos moleque é esta. É esta, e joga bolinha e pipa. Só 3. A gente fica pulando obstáculo, fazendo prova de laço de mentirinha.

Greice

Do que mais os meninos também brincam?

Eles brincam de pipa, de elástico também, de corda, de cavalinho.

De cavalinho? Como é que é?

De cavalinho, a gente pega um bambu e vai andando. A gente vai segurando nele.

E vocês vão falando alguma coisa?

Vai fazendo pacatá, pacatá. É barulho de cavalo.

Wellington

Como que é a brincadeira de cavalinho?

Nós pega um pedaço de pau, uma cordinha e fica pulando que nem cavalo. E fica cantando: "Ê vai peão boiadeiro, quem vai na frente é o brasileiro" (imitando um locutor de rodeio).

E faz algum barulho?

Tchu, tchu, tchu. "Vai cavalo, vai desgramado, senão eu te mato" (é uma fala cantada, acompanhada de risos).

O meu primeiro contato com as crianças do bairro foi numa inesquecível tarde. A Sandra avisou várias crianças de que eu viria para ver as brincadeiras que elas realizavam na rua. Foi uma festa que prepararam para mim. Fiquei encantado com a variedade de brincadeiras, uma coletânea que creio ser de pouco conhecimento de muitos educadores. Eu desconhecia a maior parte delas. Nesse dia, eles mostraram: as brincadeiras de elástico e de corda, com as mais diversas variações, a brincadeira das cadeiras e brincadeiras rítmicas, envolvendo palmas e canto-fala, dublagem, motinho, bem como a brincadeira de cavalinho de pau. Neste folguedo é que eu pude notar mais atentamente a presença do Charles e do Wellington. Começou na rua, com os dois mais o Leandro; em seguida, as outras crianças passaram a imitá-los. Na rua, prosseguiram brincando com elástico e com cavalinho.

Utilizaram alguns objetos nas brincadeiras: elástico, uma corda, que é a corda do cavalo do Dema. Com um pedaço de bambu e um barbante para segurar, eles corriam de um lado para outro, gritando, passando pelo terreno

onde vai ser o salão comunitário, entrando e saindo pela varanda da casa da Sandra, rodeando a roda feita por outras crianças que cantavam e se movimentavam. Também colocaram dois pedaços de madeira no chão de terra e, galopando, procuravam saltá-los. Percebi que o objetivo era não deixar o bambu tocar na madeira. A paixão pelo animal também pôde ser notada quando dublaram uma canção cuja letra enaltecia a figura do boiadeiro.

As brincadeiras de cavalinho de pau enfeitam os meninos do bairro. Num fim de tarde, algumas crianças, próximas ao bar do Zézito, brincavam com cavalinhos de cabo de vassoura. Corriam de um lado para o outro e faziam barulhos, realizando um jogo dramático.

No dia da entrevista com o Wellington, ele e seu primo William brincaram de cavalinho com um pedaço de bambu seco. Pude perceber melhor os movimentos dos corpos que pareciam estar presos a um animal. Cavaleiro e cavalinho iam para frente, de lado, com os pés saltitando, galopando, o primeiro com uma das mãos segurando o animal e a outra elegantemente ao lado do corpo. Dançavam.

Também quando fui entrevistar a Malu, na entrada do bairro, onde vi crianças entre 3 e 6 anos brincando de cavalinho com bambus e barbantes amarrados. Os pequenos estavam aprendendo com os maiores, imitando-os, ou tentando repetir os movimentos, que não eram os mesmos, pois cada um era um cavalinho-cavaleiro.

Tanto estas crianças, como o Wellington e o William não se importavam com o gesto correto. Mas. . .

QUAL É O CORRER CORRETO?
QUAL?

QUAL É O ANDAR DIREITO?
QUAL?

QUAL É O DANÇAR PERFEITO?

Wellington

Nos cavalinhos, os pedaços de madeira são de que árvore?

É eucalipto.

Onde vocês pegam?

Daqui mesmo.

Tem de outros tipos?

Ah! Pé de ingá, eu pego de eucalipto e bambu, pé de ingá, cabo de vassoura, que eu não sei de que árvore. É de várias árvores, e eu vou saber de qual que é? (rindo).

O que vocês colocam para amarrar?

Cordão, ou a linha, mesmo molinha.

Greice

Eu vi que no bambu havia pedaços de barbante pra segurar as mãos. É vocês que fazem?

Não, é eles que fazem, os meninos. Eles brincam de pipa, de elástico também, de corda, de cavalinho.

Charles

Como é pular obstáculo?

Coloca dois pau, assim, e um bambu, assim, no meio, e a gente pula. Tem que pular, se errar, daí o que fez cair no chão, que pulou e fez cair no chão, daí ergue.

Ergue como?

Coloca de novo.

E a prova de laço?

Quando tem duas cordas grande, daí a gente roda ela assim, daí o outro tá correndo assim com o cavalo, daí a gente joga assim e a gente fala: "parou". Daí o outro tem que laçar eu. Eu que lachei ele.

Que barulhos vocês fazem nas brincadeiras de cavalinho?

(Fez barulhos e bateu os pés). *"Tchu, tchu, tchu", "Tec, tec, tec", "Ói cavalo", "Nega", "Tchu, tchu, tchu". Daí falava o nome do cavalo "Vai, Gaúcha". (As frases foram ditas de forma cantada, colocando mais grave na voz).*

Wellington

Naquele dia, vocês colocaram uma madeira no chão. Como é que é?

É prova de tambor. Tem outra prova que eu não lembro muito bem. É prova de obstáculo. A de tambor, a gente fica rodeando o tambor. Tem um tambor aqui, tem outro ali, tem outro ali, tem outro ali.

E a de obstáculo?

A de obstáculo a gente tem que pular o obstáculo. A gente põe uma madeira, põe outra em cima, ou um bloco, se quiser, um bloco, uma madeira em cima e pula. Você não pode deixar o cavalo relar. Daí perde.

Foram muitas danças com os cavaleiros. Na minha penúltima ida ao bairro, aproveitei para tirar algumas fotos dessas brincadeiras. Vi o Charles. Expliquei-lhe o meu objetivo, e logo ele foi chamar o Wellington, que veio acompanhado de mais um garoto. Solicitei aos três que mostrassem as brincadeiras com cavaleiro de pau, enquanto eu fotografava.

Rapidamente, eles foram providenciar os cavalos de pau próximo à lagoa. Começaram a procurar bambu. Interessante a busca e a escolha: *"este serve, este não serve, este é melhor que este outro"* Um garoto acabou encontrando dois outros, que o Wellington e o Charles acabaram trocando; este gesto veio acompanhado de um *"pega prá mim também um igual a este"*. E foi o que ocorreu. O Charles encontrou alguns pedaços de fios de nylon e de eletricidade, que se transformaram em rédeas. E lá começaram os três a galopar. A impressão que me dava é que os cavalos estavam com eles, creio que para eles o mesmo ocorria. Logo juntou-se aos três outro garoto da mesma idade, que estava de bicicleta, chupando chupeta.

Blocos que estavam empilhados junto ao futuro salão comunitário, que já estava sendo erguido, transformaram-se em obstáculos. Primeiro, um só: os

corpos integrados ao animal passeavam e pulavam, unidos pelos cordões, como mãe e filho.

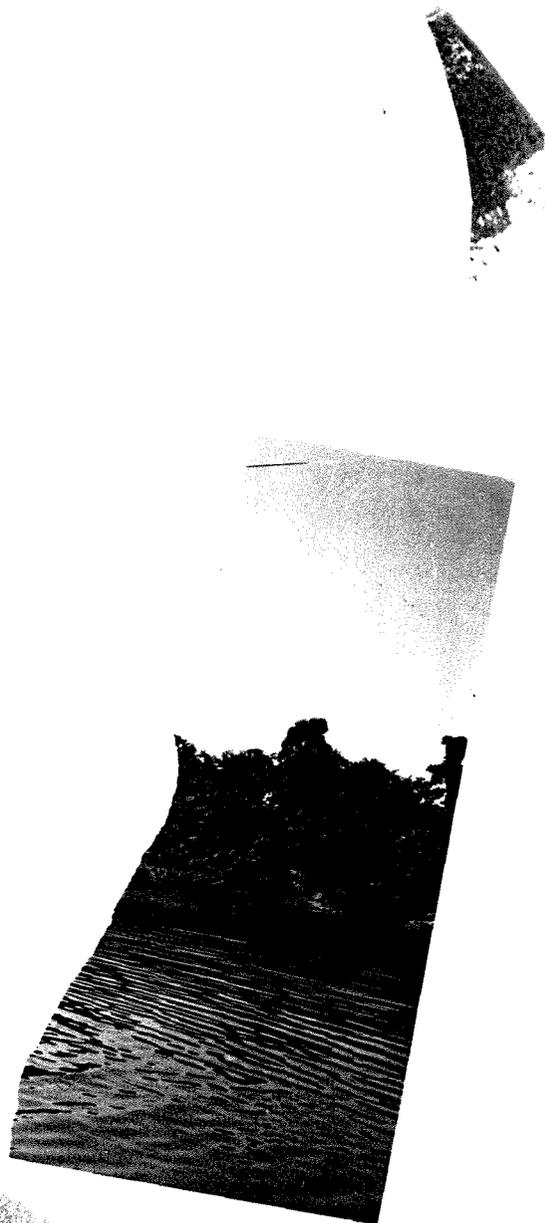


Foto: Raulito Guerra-Lagoa Azul - 28/08/96

O Wellington demonstrava toda a doçura de movimentos para frente, para trás, para os lados, trotando no lugar. E pulavam sem que o cavalinho tocasse o obstáculo com as patas traseiras. A variedade de movimentos encantou-me e, com certeza, desconcertaria aqueles que afirmam que a criança não é mais criativa nos dias de hoje. Em seguida, alinharam em fila seis blocos, mantendo entre eles a distância de mais ou menos um metro, e ziguezagueavam rapidamente, mais devagar, mudando os movimentos. Primeiramente, os blocos estavam em pé; depois, uma das crianças colocou-os deitados *“Assim é melhor”, ela retrucou.* Eu fui tirando fotos, deliciando-me com o que estava vendo. O Wellington, atento também à minha presença, disse, dirigindo-se ao grupo e a mim : *“É melhor a gente ir mais devagar para o Raulito ir tirando as fotos”* A sugestão foi acatada pelos três.

Os sons dos bambus no chão, dos “eia”, “oi”, “tchu,tchu,tchu” acompanhavam, cada um do seu jeito, os movimentos. Um começava um movimento, e os outros o seguiam. Em seguida, alguém pulava, tocando os pés em cada um dos blocos.

No final, ajudei-os a recolocar os blocos no lugar, conversando em seguida com eles.

Charles

Crianças de outra rua vêm brincar nesta; e as desta, nas outras?

Vêm. As meninas, os meninos. Nós também vai empinar pipa. Nós anda de cavalo.

Wellington

Quando começa uma brincadeira?

Eu mesmo gosto mais de brincar de esconde-esconde. Daí eu chamo os outros. Daí nós brinca de cavalo.

Em diversos momentos das entrevistas, Charles fazia alusão aos cavalos, mesmo quando o assunto não versava sobre eles. Respondia rapidamente ao que lhe era perguntado, mas emendava outra frase, voltando ao tema de seu maior interesse, fato também verificado na entrevista com

Wellington. Eu, muitas vezes, não percebi tal interesse e não soube aproveitar a oportunidade, voltando, na maioria das vezes, para o roteiro.

Quando lhe perguntei: "Porque você gosta de brincar na rua?", e ele respondeu: "*Ah! Pular corda...*", eu o interrompi, alterando a voz. No entanto, eu deveria deixá-lo falar, pois ele havia entendido que eu lhe havia perguntado do que gostava de brincar. Essa interrupção não permitiu que ele respondesse da forma como ele havia entendido. Calei-o. No decorrer da pesquisa, ao escutar novamente as gravações, fui melhorando — as próprias crianças foram me ensinando.

"Eu vi que você gosta bastante de animais". Nessa questão, já mencionada neste capítulo, não atropeliei a fala pausada da criança. Senti que já conseguia respeitar seu ritmo. O Charles continuava o mesmo, tal como era no início. Eu estava mais tranquilo, e pude, assim, encantar-me com as pequenas coisas do Charles, tais como: o grave da voz, as palavras no diminutivo, os sons do cavalinho, as ações do trato com os animais; enfim, pude exaltar as coisas positivas. Foi um aprendizado para as outras entrevistas, e também para a vida.

"Me fala sobre a brincadeira do cavalinho que vocês me mostraram naquele dia", foi uma das questões que inquiri do Charles. A observação das brincadeiras antes das entrevistas favoreceu o diálogo. Podia perguntar para cada um as mesmas questões, seguindo o roteiro, e formular perguntas específicas, conforme a direção que as crianças fossem dando, pois cada uma tinha sua individualidade, que se expressava por interesses particulares. O Charles muito bem demonstrou isto. Mas nem sempre eu conseguia tal intento. Para dialogar, é importante conhecer as preferências do outro, aquilo que faz por prazer. Isso possibilita que o outro fale mais e que traga suas lembranças para o momento.

Num piscar de olhos, Brincante desaparece-reaparece com a Érica, com a Malu e com a Dara.

Érica

Se você tivesse que me ensinar todas as brincadeiras que você conhece de elástico...

De elástico tem vassourinha, tem encavalado, tem rasteirinha, tem coca-cola, tem, deixa ver, tem vassourinha da bruxinha. Vassourinha é a mesma coisa da bruxinha. Tem en-ca-va-la-do (fazendo e falando).

Danúbia

Outra? (respondeu em cima).

Encavalado. A gente vai correndo. Pula aqui, depois pula dentro, depois pula aqui e depois pula fora.

Precisa falar?

En ca va la do

Wellington

Outra?

En ca va la do.

Nessa brincadeira, como ficam os outros que não estão pulando?

Tem que ficar assim, ó. Enquanto a gente tá pulando, os outros tem que ficar assim, ó, que nem cavalo (mostrando).

E não pode parar?

Não. Até entrar a vez dele. Daí na outra vez também tem que ficar assim.

E se ele para?

Ele perde a vez.

Greice

Eu ainda vi outras brincadeiras de elástico. De quais que você lembra?

Ah! sei, é encavalado e rasteirinha.

Como é encavalado?

Encavalado, a gente fica fazendo assim: (fazendo os movimentos com os pés) não pode parar, quando a gente errar, a gente pode parar; mas; quando a gente não erra, a gente pode fica fazendo.

A **Malu** ficou cantando para a Dara e também brincou com os outros.

Durante as observações, não percebi as meninas brincando de cavalinho de pau, mas vi meninas e meninos nas brincadeiras com elástico, realizando movimentos de cavalgar, como os movimentos daquele folguedo, falando e cantando: En ca va la do. Os cavalinhos, às vezes invisíveis, não estão sozinhos; é o momento de se aliarem aos elásticos, às vezes transparentes, nos jogos contra a DRAGA.

As crianças repetem os jogos. Brincante percebe os corpos dançantes das crianças e declama:

DANCEM DANÇAS
BEM DEVAGAR
DANCEM DANÇAS
SÓ POR DANÇAR

DANCEM DANÇAS
SÓ POR ESTAR
ACOMPANHADAS
PELO AR

QUANDO EU DANÇO
NÃO ME CANSO
DE DANÇAR
COM O AR

Dançando, as crianças acordam.

" ELÁSTICO SEM ELÁSTICO, ELÁSTICO COM ELÁSTICO"

A GREICE
LIDERA
COM GRAÇA

DISCUTE
COM RAÇA

Nesta confraria, Brincante, ressurgindo das raízes da árvore da entrada do bairro, lembrando-se do alegre encontro anterior, quis aprender com as crianças os jogos com elástico. Logo a Greice conduziu todos a um passeio pela Lagoa Azul. Andaram pelas ruas, entraram nas casas, brincaram com objetos, retornaram aos lugares onde realizei as entrevistas com os outros, enfim, passearam brincando.

Greice

Em que lugares vocês brincam?

Brinca ali onde as meninas estavam brincando.

Ali defronte o bar?

É.

Onde mais?

Só naquele lugar ali, depois nós brinca aqui em casa, depois a gente brinca lá perto da casa da Sônia.

E destes lugares de que você falou, onde você mais gosta de brincar?

Aqui, perto do Seu Zézito?

A Greice gosta de desvendar o bairro, é como o elástico: sempre ligada aos outros. Notei isto também nas observações. São muitos os lugares

onde as crianças brincam, e sempre há necessidade de muito espaço, o que não falta (ainda) no Lagoa Azul.

Noutro dia, eu, a Dara e a Sandra estávamos andando, quando encontramos a Greice, a Érica, a Danúbia e outras meninas que eu não conhecia até então. A Greice vinha chorando, pois havia brigado com uma mulher da outra rua ("a gorda", segundo suas palavras). Elas estavam brincando de elástico com outro grupo de crianças.

Após conhecer o bar do Zézito, a rua da Sônia, Brincante quis jogar com as crianças.

Greice

E a outra que você falou?

É calcinha (risos). É assim: a gente pula assim, a gente pega assim na mão e entra com os dois pés lá dentro, depois a gente pega assim, coloca um pé para fora e coloca o elástico em cima da gente, depois a gente coloca um pé assim, o outro pé assim, e a gente chama de calcinha, depois a gente entra dentro e depois cruza (demonstrando todo o tempo).

E a outra?

A outra é rasteirinha. Rasteirinha é assim: ras tej ri nha (arrastando os pés no chão enquanto canto-falava).

Danúbia

Como que é coca-cola?

Co ca co la. É assim: co; depois,, no outro, ca; depois dentro, depois fora, e cruza (mostrando com as mãos e apontando para o chão).

Érica

E outra de que você me falou?

Vassourinha, assim, tem esta primeira, assim (mostrando-me: com as mãos fazendo o elástico), daí tem a segunda com o elástico. Daí a gente faz vas sou ri nha (agora pulando no chão, nesse momento fez duas riscas

no chão com um pedaço de carvão), *daí tem esta primeira risca, a gente pula assim, depois vem no meio, depois vem com a outra e depois sai fora.*

Malu

Como que é vassourinha?

Nós pula um elástico, entra no meio, entra no outro e sai fora.

E fala alguma coisa?

Vas sou ri nha. (ela mostrou).

E outra?

É 1, 2, 3. A gente pega o elástico na mão. Pula no outro, aí tem que falar 1, 2, 3. Aí tem um que só cruza.

Wellington

Qual você lembra mais?

Eu lembro a do lacinho.

Como que é?

É eu pular dentro do elástico e rodar.

Mostra (mostrou tocando os objetos do chão, adaptando-os, logo, de pronto).

E como fala?

La ci nho.

Charles

E como é a brincadeira? (Deu uma pausa de 3 segundos.)

Cavalado.

Como que é?

Cavalado é você pular errado.

Para Brincante, ficaram as mais agradáveis impressões possíveis: corpos que riam, através dos dentes, do rosto, dos pés descalços, do corpo todo. Sons e gestos integrados. Os olhos brilhavam junto com os pés que galopavam num dos desafios do elástico. Os elásticos dançando danças como os cavalinhos de pau. Nas brincadeiras de elástico, os pés são os

protagonistas principais. Há gestos e sons presentes nas várias maneiras de demonstrar as brincadeiras.

Brincante intriga-se e encanta-se, pois queria saber mais e mais sobre a magia desses jogos. Agora, eles entraram nas casas para brincar com vários objetos.

Greice

Você tem elástico aí?

Não. É das meninas o elástico.

Aquele elástico de quem é?

É da Malu.

Você treina?

Treino. A gente tem que ficar abrindo as pernas pra aprender a pular dentro e fora, e quando chega na cintura, não dá pra gente pular, que é muito alto. E a gente fica treinando

Dá pra brincar de elástico sozinho?

Dá, a gente pega uma cadeira, duas, esta e esta (mostrando as pernas das cadeiras), a gente coloca o elástico lá e pula.

Érica

Estas brincadeiras de elástico você treina em casa?

Ah!, treino só um pouco. Tem vez que a Danúbia deixa o elástico dela na minha casa, daí eu coloco na cama e fico brincando.

Outra que você conhece?

Tem 1,2,3. A gente põe o pé debaixo desta daqui (nas riscas de carvão no solo), e cata assim, e vem 1,2,3.

Como você coloca na cama?

Assim, tem esta parte assim da cama, daí eu coloco o elástico numa, daí na frente tem a outra, daí eu cato, abro, daí eu vou pulando (mostrando nos pés da cadeira).

Malu

Faz tempo que você brinca de elástico?

Desde 7 anos.

Brinca sozinha, com outros, como é?

Tem que ser ou em 3 ou em 4. Senão vai em 6, daí vai o próximo.

Charles

Como que é esta brincadeira?

Nós vai comprar na lojinha, depois nós amarra um com o outro, fica 2 meninos e 1 pulando, e quando a gente erra, vai o outro.

Você me falou que tem um elástico na bolsa que você leva para a escola. Você treina?

Ah! Eu treino. Pego duas cadeiras dessa e coloco assim longe um pouco as duas, deixa alto assim, e a gente vai pulando. Quando eu chego na escola, eu e os meninos já sabe brincar.

Danúbia

Quem tem elástico?

Eu tenho. Às vezes, quando as meninas já tem, e eu não peguei o meu na minha casa, elas já pegaram, nós brinca com os delas.

Você treina em casa?

Eu pego uma cadeira, e minha irmã segura prá mim aprender.

É interessante o fato de a Greice dizer naturalmente que não tinha elástico. Nem todos têm elástico, creio não ser por falta de dinheiro para comprar, mas por não se tratar de um objeto de consumo pessoal. Ele é um brinquedo coletivo, tanto no ato lúdico como no ato de brincar com o elástico do amigo, como ocorreu com a Érica. Não existe a necessidade individualista de cada um ter o seu. Quando querem brincar, eles sabem que alguém tem. É um grande ensinamento este.

Repetir, treinar, para elas, é poder fazer o que gostam, é como lição de casa que nenhum professor pediu, é mostrar o melhor de si, da sua maneira.

Metáforas do elástico: flexibilidade, elasticidade, adaptabilidade, ligação. Não serão estas algumas das formas de contato das crianças com o bairro Lagoa Azul? Ele pode estar enrolado, escondido na mão da Danúbia, na mochila do Charles. Vem remendado, na cor terra e, quando esticado, gruda nos corpos das crianças, sobe e desce dos pés ao pescoço, feito João-bobo. Nos pés das crianças, nos pés das camas, nos pés das cadeiras (nossas amigooonas!), fixa-se e diverte-se por longo tempo. Invisível, ele passa a ser o jogo do elástico sem elástico.

Pararam no corredor da casa da Sandra. A Greice e a Danúbia relembrou o dia em que eu ali entrevistei a Danúbia. Antes da entrevista, levaram-me para brincar. Fomos pular nos fundos da casa da Sandra e brincamos na varanda de um bar que, nesse horário, estava fechado.



Foto. Raulito Guerra-Lagoa Azul - 28/08/96

As crianças, em coro, perguntaram para Brincante: *Você imagina brincar de elástico sem elástico?*

Para os olhos que não querem ver

Não estava lá, não podia se ver

Não machuca, não estica

Não cutuca

Mas lá estava

E ria dos risos

Espantava-se com as discussões

Com os empurrões

Com os arranhões

LÁ

ELAS brincavam

com o ELÁSTICO

TRANS

PAR

ENTE

Greice:

Outro dia, eu vi vocês brincando de elástico sem elástico. Como é que é?

A gente faz uma risca e pula assim: vas sou ri nha.

Érica:

Eu também vi vocês brincando de elástico sem elástico.

Ah! É! A gente colocava assim: tic-tac esta risca, daí colocava um chinelo aqui, outro aqui, outro aqui, outro aqui, daí a gente falava assim, daí que a gente tirava dois ou um, faz de conta. Daí a gente tirava dois ou um, e o que saísse era primeiro daí. Daí os dois que sobrou que tirou igual, tira par ou

ímpar. Daí quem é segundo, daí o primeiro vem assim, daí tem este, este, este e este que eu já falei, né?. Daí a gente pulava assim, tipo dentro e fora, a gente vinha aqui dentro, que tinha os dois assim, daí era assim no meio, daí a gente ia dentro e fora e pula (sempre me mostrando com as mãos, com os pés, a brincadeira do elástico invisível).

Malu

Brincadeira do elástico sem elástico.

A gente faz 2 riscas, daí ia pulando dentro, fora, cruza. Tem uma que a gente sabe o nome, ou que a gente pula com a imaginação. A gente pisa no elástico, a gente pula dentro, depois cruza. Tem outra que a gente tem que pular encavalado, outra rasteirinha, tem que arrastar o pé no chão (esta é outra variação, com riscas no chão).

Danúbia

Elástico sem elástico. (Não se lembrava, dei mais detalhes.)

Ah! Que a gente tava brincando, que eu não tinha comprado o elástico meu, aí nós colocava o chinelo e nós brincava.

Como? (Ela demonstrou, de novo através da expressão gestual.)

Charles: (Elástico sem elástico, cavalo sem cavalo.)

Onde vocês aprenderam?

Nós inventa as brincadeiras aqui, né? Nós inventamos esta daqui. Tem outra, fica correndo sozinho, brincando de cavalo. Andando que nem cavalo, só que sozinho. Sem nada.

A primeira vez que vi e me encantei com essa forma de jogar dramaticamente foi quando a Érica, a Greice e a Danúbia colocaram 4 chinelos no chão, como se fossem as pernas das pessoas ou os pés das cadeiras, e aí brincaram: entrando, saindo, pulando e falando. Repetiam quando erravam. Era como se o elástico estivesse ali. Interessante: criação, recriação. Nas entrevistas, eu incluí perguntas sobre essa forma de brincar.

Algumas frases que ouvi durante as brincadeiras com elástico:
Wellington: *Agora cada um pula do seu jeito.* Ariane: *Nós fazemos de outra maneira, é diferente.* Charles: *Eu levo elástico na mochila para brincar na escola com os meninos.*

Encontro-me com Brincante, que está vibrando com o que tem visto e feito. Digo-lhe que eu sinto o mesmo. Através de suas brincadeiras, a cada dia, as crianças me ensinam coisas que me fazem refletir e mudar.

Greice

Quando tem um monte de crianças na rua, quando é que começa uma brincadeira?

Primeiro é de pular elástico, depois que é de corda, casinha. Quando os meninos chamam a gente para brincar de pipa, nós não quer, aí nós estraga as pipas deles e sai correndo. (Esta questão foi mal formulada. Sinto que, mesmo realizando as entrevistas-piloto, é difícil a comunicação com o outro. Rendo-me! A comunicação verbal, quando isto ocorre, passa a ser repressiva.)

Danúbia:

Do que vocês brincam na rua?

De elástico, corda, taco, bola. Nós brincava de boneca na rua ali (pausa, esperei), esconde-esconde, pega-pega.

De quais brincadeiras de elástico vocês brincam?

Tem coca-cola, vassourinha, 1, 2, 3; pisa em cima, dentro-fora e cruza, encavalado, rasteirinha (esperei com tranquilidade ela responder).

E a outra?

Vassourinha. Va é aqui, depois é no meio, depois aqui, depois é fora. (Continuou com as mãos e eu prestando atenção.)

Faz de conta que o elástico está aqui (Insisti na pergunta, alterando a voz).

(Ficou em pé.) *Aí nós pega o elástico, e 1, 2, 3. E puxa, e faz assim, e tem 1, 2, 3, e sai.*

Ah! Tem um jeito que é mais rápido, e outro que é...

Não, um jeito mais fácil e outro mais difícil. (Eu não havia entendido, e ela corrigiu-me logo. Que bom!)

Érica

Outra?

Tem sai-e-cruza, (Falou-me agora de uma que não havia mencionado no início, isso me fez ver que não é só de uma forma que as respostas serão completas, outras informações virão em outros momentos. Se eu lhe fizesse somente aquela pergunta, não saberia destas outras possibilidades, e poderia ficar a impressão de ela conhecer apenas as que respondeu. Creio que também com esta não se esgotará todo o seu acervo. E, mesmo que eu possa completar as observações, estas não se esgotarão, pois eu não estarei lá em tempo integral. Em outros momentos, poderão surgir outras formas: seja nos gestos, nas palavras, nas formas de fixar o elástico, nos números de participantes, nos diferentes espaços, etc. Que bom isto de as coisas não se esgotarem com os meus olhos e meus ouvidos!

Danúbia

Elástico sem elástico. (Não se lembrava, dei mais detalhes. Para a Danúbia, aprendi a trazer mais imagens para ela voltar ao momento em que estávamos falando. Suas mãos falavam por palavras.)

Wellington

De que jeito vocês brincam de elástico?

Eu tava brincando lá na casa da Sandra, e esta menina aqui arrumou uma briga, a Greice, daí eu fui e peguei o bambu da Greice e também da Daiana.

Eu gosto de brincar de elástico. (O Wellington, como também o Charles, na sua entrevista, queriam falar o que era significativo para eles, a situação que ocorreu durante o jogo; mas eu não percebi no momento e prossegui com o roteiro.)

Ver o outro é escutá-lo, é sincronizar com seu tempo verbal e corporal, é perceber seu corpo — dos mais simples aos mais complexos gestos, dos fortes aos fracos sons —, bem como as diversas partes do corpo, das quais muitas vezes não se dá conta.

Na volta do passeio, as crianças cantam para Brincante:

Você já me viu?

Você já me viu?

Mesmo?

Você já viu meu sorriso?

Você já viu meu cantar?

Você já viu meu suor?

Você já viu meu andar?

Você já me viu?

Você já me viu?

Mesmo?

Você já viu minha cor?

Você já viu meu amor?

Você já viu meu silêncio?

Você já viu meu poema?

Você já me viu?

Você já me viu?

Mesmo?

Brincante retorna às raízes das árvores, cantarolando: "Você já me viu?". Segue com a companhia da "Cadeira Amigoona" do Wellington.

"A CADEIRA É MINHA AMIGOOONA"

Brincante relembra-me um dos preciosos momentos que viveu junto com as crianças. Este ocorreu quando: perguntado sobre treinar em casa com elástico, Wellington diz: *"Eu brinco com o Leandro. Punhava uma cadeira e ficava pulando. Daí ele ficava segurando e a cadeira também. A cadeira é minha amigooona."* (eu e ele demos boas risadas).

O TOM
DA GRAÇA
O SOM
DO TARZÃ

WELLINGTON

Brincante conduz-me até um enorme monte de mato queimado próximo ao porto de areia (por que será que Brincante sempre está próximo das DRAGAS?). No mato queimado, com as cinzas fracas que soltam fumaças sem cessar, é onde ele se tem refugiado nestes tempos.

Contei-lhe que este local remetia-me a boas lembranças. No dia em que fui entrevistar o Wellington, passei em sua casa, com a Greice, juntando-se a nós o William, primo do Wellington, que tem 4 anos. O garotinho foi empinando, à sua maneira, uma pipa pequenina, que fora feita para ele pelo primo, até o curral, que poderia ser um dos locais da entrevista. Sentado num banco, lá estava o Charles. O William estava entretido comigo, pois eu estava brincando com ele. Fomos, junto com o Wellington, ao lado do curral, onde havia o monte de mato queimado de cor cinza-escuro, de mais ou menos 5 metros de altura. Fui subindo com os meninos, os pés afundavam no mato e desprendiam poeira. Quando percebi, os dois já estavam no topo, e eu ainda me adaptando à montanha-brinquedo. Na descida, viemos pulando, num jogo de sensações emocionantes.

Já no solo, perguntei ao Wellington onde poderia ser a entrevista, já que o barulho da DRAGA atrapalharia nossa conversa. Foi então que ele sugeriu que fôssemos até o meio das árvores da outra lagoa, chamada por eles de Lagoa do Quirino, pois fica nas terras do dono de uma olaria. Fica mais ou menos a 300 metros do curral, já no final do bairro. E lá fomos nós dois, sempre acompanhados pela Greice e pelo William. Como ele sabia que a entrevista era individual, pediu para a Greice ficar brincando com o William, o que de fato acabou ocorrendo. O Wellington disse que estava me levando a um lugar que eu ainda não conhecia, e onde é possível, no caminho, ver coisas bonitas, como: árvores, mato, além de "chupar moranguinho" (foram as palavras dele).

Chegamos à beira da lagoa que, segundo eles, não está poluída, mas tem cobras. Em volta, um belo bosque com árvores altas. O Wellington já tinha o lugar certo para a entrevista: um grande tronco de árvore deitado na terra. Esse tronco, com mais ou menos 7 metros, estava com mais de 80% de seu comprimento junto ao solo, e o restante distava mais ou menos um metro, o que propiciava movimentos de balanço, sentado ou em pé; e foi o que aconteceu com nós quatro. Rimos, no balanço e no equilíbrio-desequilíbrio dos nossos corpos. O Wellington disse-me que já trouxera seu pai ali para balançar. O pai não mora com ele, mas às vezes vem visitá-lo. O Wellington vive com seus avós e tios.

Após algum tempo de brincadeiras na árvore, iniciamos a entrevista. A Greice e o William continuaram brincando e, de vez em quando, passavam por nós sem interferir na conversa.

Para alegria de Brincante, Wellington sugere que esta confraria fosse realizada nesse bosque. *"Cadeira amigooona, montanha-brinquedo, esse bosque, são situações e lugares inusitados que essas crianças vivem e propiciam viver"*, confessa-me Brincante. Prossegue, dizendo-me: *"A cadeira é minha amigooona; para essas crianças também é amigooona: a cama, a grade, o poste, a árvore, as pernas do Leandro, os corpos dos Outros, os Outros"*.



Foto: Raulito Guerra-Lagoa Azul - 28/08/96

É o Wellington, nessa madrugada, quem vai buscar as crianças nas suas casas, trazendo também o William. A Dara vem acompanhada da Malu.

Wellington

Você se lembra de pessoas que passam no bairro vendendo coisas? E então, Wellington iniciou este pregão com a voz forte, emendando-o logo ao final da minha frase:

"Olha o geladinho! O geladinho vem aí, fon, fon! Geladinho, 15 centavos, fon, fon! Geladinho, 15 centavos, moço" (o William e eu ríamos, ele falando-cantando com sotaque nordestino).

De qual outro que você lembra?

"Olha a pescadinha, olha a pescada! Vai comprar! Um real, um quilo, moço! Um real, um quilo! Quem vai comprar pode vir aqui no caminhão que nós vende. A laranja também tá barato! Pode vir aqui (risos de nós três, o William

ria mais forte). *Essa laranja tá bem fresquinha, veio da granja. Tem muita maçã, tem galinha também, moço! Só pata choca que não tem aqui!*" (todos nós rindo muito.)

Os pregões são uma das riquezas da cultura popular. São formas de comunicação verbal e melódica de os vendedores anunciarem seus produtos. O Wellington recriou frases e a melodia desse pregão. O texto foi sem interrupção, vindo a demonstrar ainda mais sua atenção às pessoas e às situações do bairro.

Brincante cochicha comigo: *"A expressividade, força e alegria vieram do fundo da alma do Wellington. Iluminado ele estava. Iluminado ele é. Graças por nós estarmos aqui contemplando!"* Brincante, agora, aponta para o William, que está cantarolando baixinho: *"um real, moço"*. De novo dei risadas, mas silenciosas, para não tirar a concentração do William.

DESCALÇAS
SUBIAM SUBIAM SUBIAM
NO MONTE DE MATO QUEIMADO

PERALTAS
QUERIAM QUERIAM QUERIAM
VER AS COISAS LÁ DO ALTO

E VIRAM

TRANSFORMARAM-SE EM PIPAS
EM CIPÓ
FORAM ATÉ O BOSQUE
NO CAMINHO PEGARAM
MORANGUINHO GOIABA
UM PEDAÇO DE BAMBU-CAVALINHO

CONVIDARAM-ME
DE CIPÓ
OH

Ó

Charles

Eu também vi vocês brincando com um tubão grande de madeira.

A gente fica andando em cima. Ele tava rodando. Assim a gente tinha que ficar andando prá cá, prá trás. Agora que tá indo prá frente, a gente tem que ficar andando prá trás, né? (curta pausa, aguardei).

É difícil equilibrar?

Ah! É né. Só que eu e o Wellington sabe, né? Que toda vez lá no curral tem um e nós fica lá brincando, nós fica treinando.

Wellington

E sobre os tubos de madeira?

Era roleta, parece. É um negócio que nós tava em cima, né? Nós tava brincando de malabarista. A gente tem que ficar equilibrado em cima daquele negócio que nós tava brincando.

Três tubos enormes de fios telefônicos que se transformaram alegremente em brinquedos coletivos. Era teatro de rua, e eu tive o privilégio de assistir a ele num final de tarde, quando eu já estava indo embora. Foi uma festa que conseguiu juntar a maior parte das crianças da rua. Ao redor, na frente, atrás, em cima do tubo, juntaram-se meninos e meninas de 3 a 13 anos. Revezando, cada um à sua maneira, alguns tentavam em vão ficar em pé, mas outros conseguiam, desafiando a lei da gravidade. Choros, risos, gritos entretinham as crianças e despertavam olhares de adultos que estavam na rua. Os atos de ajuda também estavam presentes nesse dia: as mãos estendiam-se para auxiliar os outros na subida, para ajudar o amigo a ficar equilibrado, para pegar o menorzinho que, chorando, por vontade ou por medo, não queria ir, mas acabava aceitando o convite.

Noutra ocasião, não tão menos mágica, presenciei a Greice, a Érica e a Danúbia sentadas, na varanda da casa da Sandra, num daqueles grandes tubos, que agora estava deitado, talvez "descansando", disse-me ao pé do ouvido Brincante. Esse mesmo tubo, segundo as explicações da Sandra, viraria uma mesa, pois bastava serrá-lo ao meio, tapar uns buracos, pintar, e pronto! Mas o que as meninas queriam era brincar em cima dele.

Transformaram-no num palco. Junto das três, estava a Malu, brincando com a Dara, que se mexia em seu carrinho de bebê.

As três estavam contando histórias. A Érica expressava-se com gestos, com timbres diferentes de voz, imitando os sons de objetos (um martelo), e os braços e mãos acompanhavam a fala. Prosseguiram com um canto acompanhado de toques com as mãos umas nas outras, e também toques nos próprios ombros. Uma bela harmonia. Um trio coordenado e uníssono.

As situações dos pregões e do tubo possibilitaram a mim e a quem estava próximo momentos hilariantes. Aliás, foram muitas as vezes que presenciei as crianças rindo dos seus atos lúdicos. Que bom rir da expressividade do outro sem valer-se da humilhação e dos preconceitos no que se refere: à sexualidade, à cor da pele, à raça, ao corpo e a outras tantas características, para as quais tantos programas de televisão apelam.

Wellington

Outro dia eu vi vocês brincando de moto. Lembra-se daquele dia?

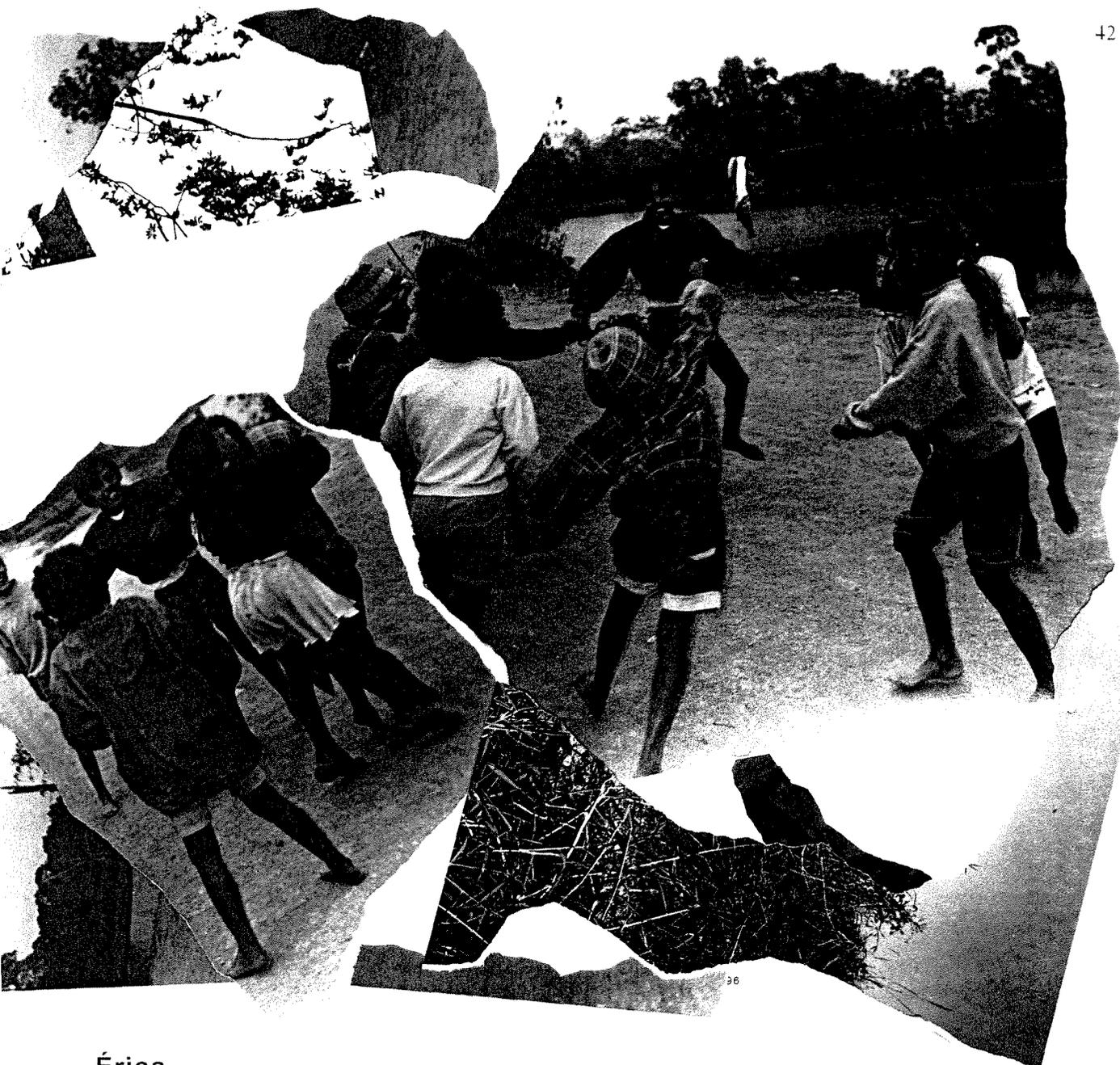
É dois. Um fica assim, que é guidão, e o outro fica assim, nas costas, segurando, e um vai, monta, daí pega nos dois braços e guia. Daí a gente fica andando com eles, e depois é nossa vez.

Danúbia

Brincadeira de cavalinho.

De bicicletinha nós brinca. É só três pessoas. Uma faz assim com um braço, aí a outra abaixa assim e segura no outro, e outro monta e vai andando.

Das brincadeiras observadas, pude notar que os contatos corporais estiveram presentes sem que as crianças se sentissem constrangidas com isso, tanto na brincadeira de roda, como na brincadeira da moto, ou da bicicletinha. E então saíam as motos roncando e passeando com os corpos. De novo era uma festa só.



Érica

Tem outra? (Como ela não lembrasse, perguntei-lhe de outro modo: vocês também cantaram uma que fazia roda, não é?)

É assim: tem a do peixe, assim, não; vou falar primeiro ciranda, cirandinha. Ciranda, cirandinha, não, nossa! eu ia falar rei ou rainha (ela começou a cantarolar com a melodia de "rei ou rainha"). Não, tem ... tem assim, de roda: se eu fosse peixinho e soubesse nadar, eu ponhava a Greice no fundo do mar, e daí cata a pessoa e põe e depois vai dando a mão pra outra, depois vai falando: e se eu fosse peixinho e soubesse nadar, eu colocava a pessoa, daí a gente fala o nome da pessoa, daí o nome da pessoa que a gente falar, daí vai na roda. Mas também tem vez que a gente fala de ordem de tamanho.

Noutro dia, as meninas brincavam na rua em dois grupos: no das maiores, estava a Malu e às vezes a Greice; no outro, a Solange, às vezes a Danúbia e a Érica, que transitavam nos dois. Parei junto a este grupo e pedi que cantassem as músicas em roda e em duplas, que elas me haviam mostrado durante as entrevistas, pois eu iria bater algumas fotos. Em roda, cantaram uma que eu não conhecia até então. Essa cantiga terminava com abraços em duplas e em trios. A alegria e o riso tomaram conta dos corpos. Giravam rapidamente e cantavam alto, sem desafinar; pelo contrário, foi um belo coral, que ficou gravado em minha memória.

Wellington

E quem brinca de cipó?

Eu, o Charlinho e as molecadas aí. Tem gente que eu esqueço.

Érica

Na sua casa, que tipo de brincadeira você faz na sua casa?

Na minha casa, tem vez que a Danúbia vai lá e nós brinca de elástico, nós brinca de boneca, nós brinca que eu e a Danúbia é, mora jun..., é irmã. Daí nós brinca que nós era moça que morava separado, daí eu catava roupa da minha mãe e ficava brincando, catava as coisa e brincava na minha cama com a Danúbia.

Charles

É difícil se equilibrar (no tubão) ?

Ah! É, né. Só que eu e o Wellington sabe, né? (curta pausa) Que toda vez lá no curral tem um, e nós fica lá brincando, nós fica treinando.

Novamente Brincante chama minha atenção, agora para a Greice, com uma coroa na cabeça, feita por ela mesma, com galhinhos de planta. Depois, ela fez o mesmo no William. Rainha e rei coroados no belo bosque. Brincante, nesse instante, nomeia esse local como "WICHAGREWEDAMAER"

Vendo-os (coroados), eu disse: Bonito, hem!

O **Wellington**: *A rainha.*

Eu: É a rainha. (logo que eu terminei de pronunciar rainha, todos começaram a cantar e a pular a brincadeira que o Charles, no final, explicaria).

Charles

De qual outra você lembra?

Eu lembro de pular corda.

Como é que é?

Tem que ficar batendo a corda prá gente pular.

Quem fica batendo?

As meninas, quando não é as meninas, é os meninos. Daí fica batendo assim, a corda sai do chão, daí a gente pula.

E fala alguma coisa?

Coroa, coroinha, rei ou rainha, 1, 2, 3. (2 vezes). Só assim.

E quando fala isso, o que está pulando o que tem que fazer?

Agachadinho assim (fez o gesto com o corpo, sentado no bercinho), e fica rodando a corda assim, em cima, depois fala Coroa, coroinha, rei ou rainha, daí faz assim, daí começa bater a corda assim, no chão, e a gente começa a pular de novo; daí, se errar, a gente sai fora.

Malu

Quais as brincadeiras que meninos e meninas fazem juntos?

Moranginho, morangão. A gente fica sentado e tem que escolher uma pessoa, e essa pessoa que a gente escolheu, todo mundo fala "beijo, abraço, aperto de mão" Se a gente fala "aperto de mão", daí a gente tem que dar aperto de mão. Se a gente fala "abraço", a gente tem que dar abraço. Se a gente fala "passeio na esquina", daí a gente tem que dar um passeio na esquina com ele. Se a gente fala "beijo", a gente tem que dá um beijo no rosto dele.

Greice

Naquele dia em que eu vim aqui, vocês estavam brincando?

Daí eu brinco, quando as meninas está de mal meu, eu brinco sozinha dentro de casa.

Você falou da rua, né? Por que você brinca na rua?

Por causa que é legal.

Por que é legal?

Porque a gente tem mais espaço pra gente brincar.

Danúbia

Qual você acha mais difícil?

Calcinha.

Com quem você aprendeu?

Com a Greice.

Você ensinou a alguém?

A Érica. A Greice me ensinou e depois eu ensinei a Érica.

Essa confraria foi repleta de experiências e revelações. Brincante confessou-me: *"Tudo me encanta, mas hoje descobri algo muito importante: a amizade que eles têm. É uma trama, uma teia, uma cadeia, em que estão envolvidos. São vínculos, são laços, que os unem, e não é à-toa que eles brincam de elástico, com corda, de cavalinhos, de mãos dadas, que cantam em coro. Nas brincadeiras eles podem manifestar esses divinos contatos. Eles não estão sós, a amizade os faz querer viver, querer brincar, cada vez mais".*

A entrevista com o Wellington foi solta, ele foi muito espontâneo, até com um pouco de dificuldade de minha parte em aproveitar tantas informações e conhecimentos e também em retornar ao roteiro quando, por algum motivo, as respostas levavam para outro lado que não se mostrava interessante para a pesquisa. Quando lhe perguntei: em que lugares vocês brincam?

No campinho, no monte de areia. Brincar de Tarzã no meio do mato. Tem uns negócio lá de árvore que a gente junta e fica andando prá lá e prá cá.

Como?

Um bichinho (falou-me, mostrando um inseto no solo). Atento às coisas da natureza, não matou, apontou e continuou a conversa. O diminutivo foi de respeito e carinho. Risos meus com a pausa e atenção ao bichinho. Como é necessário prestar atenção às pequenas coisas. O processo das entrevistas e

observações leva-me, cada dia mais, a aumentar a minha atenção. A realização no dia, os atos de: escrever as observações, transcrever as entrevistas, escutá-las, relê-las, olhar para o todo, para as orações, para cada frase, para cada palavra, perceber a melodia de cada voz, as mudanças de timbre, a respiração, a tosse, o silêncio, leva-me a mais este aprendizado.

Comigo ficou a voz de Brincante, como num canto gregoriano: *"Tudo me encanta, mas hoje descobri algo muito importante; a amizade que eles têm.."*

"A GENTE SOBE NA ÁRVORE. . ."

Malu

Onde você gosta de cantar?

No pasto, em cima do morro. Quando tem lugar pra gente escorar assim na árvore, a gente sobe na árvore.

Wellington

E é gostoso (brincar de Tarzã)?

É (pausa minha e dele). Nós sobe em cima das árvores que nem um macaco, prá catar pipa.

OLHAR

QUE INDAGA

QUE VOA QUE CUIDA

QUE QUER SER OLHADO

MEIGO OLHAR

MALU

Como havíamos marcado, encontrei a Malu na casa da Sandra. Realizamos a entrevista na varanda. Às vezes, a Greice aparecia por lá, assim como também outras crianças, que logo iam embora. Quando terminei com as perguntas, ela ouviu alguns trechos. Percebi que já estava na hora de ela ir buscar sua irmã. Ofereci carona, que foi aceita imediatamente. Fomos acompanhados pela Greice.

Malu está em cima da árvore, olhando para o alto — olhar que rasteia todo o céu. Vê um brilho, longe, forte, que a acalma, que calmamente se aproxima. Lentamente penetra-a. É Brincante.

Malu diz que gostaria de realizar a confraria ali onde estão, quer compartilhar com as outras crianças a beleza do sol, da lua, das estrelas. "Os galhos são infinitos, as raízes são fortes, traga quem você quiser."

Malu

Como é o teu dia?

Levanto cedo, tomo café, arrumo a casa, lavo louça, lavo o quintal e depois vou brincar.

Em que horário você estuda?

Das sete ao meio dia e meia.

A que horas você acorda quando tem aula?

Tem vez que eu acordo às 5 horas, pra arrumar minha irmã pra levar prá creche e arrumar a marmita do meu pai.

Quantos irmãos você tem?

Luciano, 11 anos; Leandro, 9; Letícia, 5; Leonardo, 2 e eu. A Letícia vai prá creche e o Leonardo fica com a madrinha.

E à tarde?

Eu arrumo a casa, lavo louça e depois vou brincar.

Danúbia

E quando tem aula?

Eu acordo, vou prá escola e depois, quando eu chego aí eu arrumo o quarto, minha irmã arruma a cozinha, porque minha mãe sai cedinho prá trabalhar...

Quem mora na sua casa?

Eu, minha irmã e minha mãe.

Quantos anos tua irmã tem?

Ela fez 12 dia 18 de julho.

Quem faz a comida?

Minha irmã.

O que você gosta de fazer em casa?

Forrar a cama, varrer, lavar louça, guardar, enxugar, limpar a mesa.

Érica

E você ajuda alguma coisa em casa?

Hã, hã.

O que você faz?

Tem vez que eu arrumo a casa pra minha mãe, lavo o banheiro, arrumo o quarto dos meus irmãos.

E você gosta de fazer estas coisas?

Hã hã,... não muito.

Não muito. Por quê?

Ah! porque é um pouco chato, porque não dá tempo pra gente brincar.

Greice

Em que mais você ajuda (em casa)?

Ajudo arrumar a casa.

E você gosta de fazer estas coisas?

Gosto.

O que você mais gosta de fazer quando sua mãe pede?

Lavar louça.

Wellington

Você ajuda em casa?

Arrumo a casa, lavo louça, varro a casa, arrumo o sofá. É a coisa que eu mais gosto é lavar louça.

O trabalho faz parte da rotina diária da Malu: fazer comida para o pai, cuidar dos irmãos, levar a irmã para a creche no Parque Meia Lua, lavar roupa, limpar a casa — tarefas que realiza há pelo menos quatro anos, desde a morte da sua mãe. É o cotidiano de muitas pessoas do Lagoa Azul. Ainda bem que neste bairro as crianças ainda podem brincar na rua. A dureza da vida está presente desde pequenas.

Brincante procura apaziguar minha tristeza. Lembra-me: "eu não conhecia nada da Malu, sempre a vi com grande força interna. O céu abastece suas energias, as brincadeiras a humanizam".

Fui ao bairro no início da noite. Era noite de lua cheia. A luz prateada da lua clareava a Lagoa, embelezando-a ainda mais, inspirando-me para escrever:

A LUA
ENRAIZA
NA LAGOA

ÔBA !

ESPELHO PROFUNDO
CRIANDO
MUNDOS

O encontro começa, conforme o convite da Malu, com todos em cima da árvore. Vieram os irmãos e outros amigos.



Foto: Jaibir - Lagoa Azul - 1990

De onde estão, admiram a lagoa. Os menores atiram pedras nas águas, e isso faz modificar seus rostos no espelho líquido. Os círculos concêntricos formam imagens nítidas do tempo em que se mudaram para cá. Relembrem aqueles acontecimentos, falando uns com outros, os maiores relatando para os pequenos, que, na época, não tinham nascido.

Assustam-se com a DRAGA, não pelo tamanho, mas pelos ruídos fortíssimos, pela sua aproximação feroz. É madrugada, e a DRAGA não para, não sonha. Está só, sem seu condutor, que dorme em uma casa. Mas a DRAGA lá está, devorando lentamente e progressivamente tudo.

Malu

Em que lugares vocês brincam?

Nós gosta de brincar no porto (de areia), aqui na rua da casa (da Sandra), nós brinca na lagoa. Antes nós brincava dentro da lagoa, agora nós não brinca mais, porque está cheio de doenças.

Você sabe nadar? (Aproveitei o tema e prossegui. Estou aprendendo com elas.)

Sei.

Onde aprendeu?

Na lagoa.

Com quem?

Eu tava querendo aprender a nadar, daí eu tava lavando roupa na lagoa, daí a mulher falou assim: você tem que soltar seu corpo, e vai prá frente. Daí eu peguei e soltei o corpo, e aprendi.

Quem era ela?

A Rute, ela tava lavando roupa também.

Érica

Você gosta desta lagoa?

Ah! nem presto muita atenção nela. Tem vez que eu não ligo. Eu não gosto muito, não.

Por que você não gosta? (Como ela não respondesse, resolvi elaborar a pergunta de outro modo.) Houve alguma época em que você já gostou?

Já. Quando, assim, dava sol e todo mundo ia lá nadar, vendia sorvete, vinha gente vender sorvete.

E você entrava na água?

Entrava.

E tinha outras brincadeiras que vocês faziam?

Ah! eu já vi os outros fazendo: tinha dois, duas pessoas, daí eles estavam brincando de bola na água, de jogar assim: uma pessoa joga a bola, era bolinha pequena, daí uma pessoa jogava, daí a outra ia nadando, e quem chegasse primeiro e catasse, jogava, daí eles ia indo.



Greice

Você gosta da lagoa?

Quando não estava suja, a gente nadava, jogava pedra na água, cavalinho de guerra.

Wellington

Você gosta da lagoa.

Eu adoro, lá tá poluída. Essa não. Essa tá com jibóia de pescar. A gente gosta muito de pescar. Peguei muita cobra também. Cobra a gente pega de monte. Eu já peguei traíra deste tamanho, desta largura, bonitinha, numa rede.

A Malu sorri com os olhos, ela responde pausadamente, logo fui adaptando-me. É bom ter tempo para ouvir, sentir a sua respiração, tentar sincronizá-la com a minha. A Malu propicia isto. É interessante o entusiasmo, a rapidez com que eles realizam diversas brincadeiras e a tranqüilidade demonstrada nas falas das entrevistas. Com o Charles, já havia ocorrido assim. O tempo da sua fala é ainda mais lento que o dele (que bom, desacelerar, trabalhar com outro tempo que não aquele com que estou acostumado). A Malu me aguardava para ser entrevistada e também estava atenta às perguntas. Aos poucos, fui entrando no seu mundo, descobrindo-a.

Malu

Onde você mais gosta de brincar?

Eu gosto de brincar na rua.

Por quê?

Porque na rua é mais legal. A gente pode correr (pausa), pode brincar.

Wellington

Como é teu dia?

Eu acordo, lavo o rosto, escovo os dentes e vou brincar de pipa. Todos os dias.

E à tarde?

À tarde, eu almoço, lógico, né (rindo)? Daí, se bate vento, eu vou empinar minha pipa, que eu gosto. E venho brincar por aqui.

Por que você gosta de brincar aqui (na lagoa do Quirino) ?

Aqui eu não venho muito, né? Mas eu gosto de brincar aqui, que é mais gostoso. Dá prá gente vê os pássaros, prá gente vê a lagoa. A gente sente o ar livre.

Greice

Você falou da rua, né? Por que você brinca na rua?

Por causa que é legal.

Por que é legal?

Porque a gente tem mais espaço pra gente brincar.

As crianças gostam de brincar?

Todas as crianças gostam de brincar, umas de pular corda, outras de pular elástico. Cada uma tem um tipo de brincar. Quando a gente quer brincar de um negócio, outra não quer. Quando outra quer brincar, ninguém quer.

Érica:

E na rua, onde vocês brincam?

Ali, na árvore, tem vez que nós brinca de escolinha.

Brincar de escolinha na árvore? Como é que é isso?

Assim, a gente põe a lousa assim, pendurada na árvore, daí todo mundo senta no chão, cata material, daí uma pessoa é a professora, e os outros são alunos.

Danúbia:

Do que vocês brincam na rua?

De elástico, corda, taco, bola. Nós brincava de boneca na rua ali (pausa, esperei), esconde-esconde, pega-pega.

Sobre pular e segurar. De qual você mais gosta?

Pular. É gostoso. Se o outro for bom, a gente fica segurando, e aí depois vai o próximo, e aí sai.

Charles

Porque você gosta de brincar na rua?

Por que tem mais gente mesmo na rua. Dentro de casa, a gente não pode ficar brincando muito, né? Não tem espaço.

A rua para a Malu, como também para os outros, em detrimento do espaço restrito das casas, é sinal de liberdade, de sair do espaço das obrigações diárias tão rotineiras para a idade deles. Os diversos espaços do bairro propiciam a riqueza de momentos vividos pelas crianças. E sentem prazer em coisas tão simples, com poucas coisas. Às vezes, só o próprio corpo já é o suficiente para integrá-los, para ligá-los. As árvores, a pipa, a montanha-brinquedo também propiciam poder voar. E é onde a Malu pode encontrar momentos alegres cantando, que é uma das suas formas de expressão.

Brincante me diz: *"Que bom poder ver o mundo com os próprios olhos — do alto, atrás da montanha, no fundo da lagoa, acima das nuvens, atrás do muro, além das roupas"*.

Malu, nessa confraria, está acompanhada pela Dara e pela Letícia e segura o Leonardo no colo. Há outras crianças que também estão juntas, grudadas fraternalmente, lembrando cachos de uva. Recordei os dias (e foram muitos!), em que vi a Malu, com a Dara no colo, brincando com ela no carrinho de bebê, cantando para ela. A Malu (que é uma criança) parece ter a missão de cuidar do pai, dos irmãos, das crianças.

"Tomar conta dos menores, brincar com eles, ensinar as brincadeiras parece ser natural neste bairro, não só para os irmãos, mas também para os primos, vizinhos. Sem se darem conta, eles se ajudam, protegem-se. Eles não estão sós".

O azul do céu envolve a árvore e torna todos leves. A Malu chama as crianças para brincarem de "Mãe da lata".

Malu

Fale-me das brincadeiras em que vocês usam objetos.

Rouba-lata, queimada (pausa mais demorada), tem mãe-da-lata também. A gente tem que ficar com a lata. A gente tem que jogar prá cima, daí quando cai no chão, a gente joga prá cima e fala o nome de uma pessoa. Daí quando cai no chão, a pessoa fala "parada". Daí ela vai lá, queima a gente. Daí a gente tem que ficar com a lata e jogar prá cima de novo.

Essa questão, até então, foi a de que ela mais falou — "mãe-da-lata" —, a mãe da Malu faleceu quando ela tinha 8 anos. O jogo e a narração creio que lhe trouxe imagens saudosas da ausência da sua mãe. A partir daí, tornou-se mais aberta à nossa conversa. Brincante, escutando-me atentamente, revelou-me: *"O jogo tem essência. As crianças vão ao encontro dela. A Malu foi buscá-la. Ela brinca, e sabe por que brinca. É a maneira de estar com a mãe. Por isso ela canta preces na árvore"*.

Malu retorna voando com Brincante, os dois cantando a música do arco íris que despontava no céu.

"MÃO ABERTA, MÃO FECHADA"

"A Malu, ao ensinar o jogo 'Mãe-da-lata', mostrou que saber e fazer são integrados". Brincante dormiu com as crianças em cada uma de suas casas. Acordou com elas e passaram o dia juntos.

"As mãos da Danúbia falam". Ela escolhe a rua central do bairro para a próxima confraria. Como dizem as crianças: "a rua do bar do Zézito".

AS MÃOS UNIDAS

COMO NUMA

ORAÇÃO

ZIGUEZAGUEAVAM

LINDAMENTE

COM A VOZ

DA

DANÚBIA

Danúbia

E a outra?

Vassorinha. Va é aqui, depois é no meio, depois aqui, depois é fora (continuou explicando com as mãos, e eu prestando atenção).

Para explicar as brincadeiras, a Danúbia usou as palavras na precisa medida. Gesticulando com as mãos, ela demonstrou muitas respostas; sintetizando-as. É complexo explicar e, ao mesmo tempo, fazer com as mãos. Com a Danúbia, fui aprendendo, tanto que na entrevista com a Érica, para realizar uma pergunta, eu também usei o gesto da corda com as mãos, não havendo necessidade de utilizar toda a descrição, pois a comunicação foi complementada através do gesto. A Érica, de pronto, lembrou-se e respondeu.



Foto: Raulito Guerra-Lagoa Azul - 28/08/96

A entrevista com a Danúbia foi tranqüila. Ela fixava o olhar em mim, interessada em ouvir as perguntas. Os gestos suaves das suas mãos acompanharam toda a entrevista.

Ao escutar sua entrevista, no fundo da gravação, que foi realizada na casa da Sandra, a Dara fazia "da, da, da, da..." de Dara, de Danúbia, de...

Érica

Diga outra brincadeira de roda que você lembra.

Tem papagaio louro de bico dourado. Assim: tem uma pessoa dentro, daí outras rodando, daí fala assim (cantando): papagaio louro de bico dourado, manda esta cartinha pro meu namorado, se tiver dormindo bata na porta, daí todo mundo bate na cabeça da pessoa, se tiver acordado, manda recado, a dança da carrocinha é uma dança deliciosa, quem põe o joelho no chão, aí todo mundo faz assim (fazendo o gesto), quem põe o joelho no chão é pra você ficar charmosa: daí a gente fala o nome da pessoa que tá dentro, conforme é a Danúbia, daí fala assim: (cantando) Danúbia levanta os braços, Danúbia, não: Danúbia levanta a saia, Danúbia levanta os braços, Danúbia gosta de mim, Danúbia me dá um abraço. Daí a Danúbia tem que escolher alguém que quer tá na roda, daí ela dá um abraço, daí a pessoa que ela escolheu vai fora, daí a que a Danúbia escolheu, daí vai na roda e vai fazer tudo isto que eu falei.

Em mim retorna a voz de Brincante: *"Tudo me encanta, mas hoje descobri algo muito importante; a amizade que eles têm. É uma trama, uma teia, uma cadeia em que estão envolvidos. São vínculos, são laços, que os unem, e não é à toa que eles brincam de elástico, com corda, de cavalinhos, de mãos dadas, que cantam em coro. Nas brincadeiras, eles podem manifestar estes divinos contatos. Eles não estão sós, a amizade os faz querer viver, querer brincar, cada vez mais".*

Danúbia

Às vezes, você pode ficar bastante tempo só segurando, e não pular. E quando isso acontece?

Quando acontece eu fico segurando, depois as meninas erram, aí eu pego, aí eu pulo. Aí eu não erro.

Charles

Do que você mais gosta: pular ou segurar o elástico?

Ah! De pular, né?

Por quê?

Porque a gente demora para ficar com o elástico. Demora até o outro errar.

Érica

Nas brincadeiras de elástico, tem hora que vocês pulam, e tem hora que vocês seguram o elástico. De qual que você mais gosta?

Eu gosto é de pular.

Por quê?

Porque segurar também é muito chato. A gente só segurando, e os outros fazendo a gente de bobo! Daí os outros erra e fala que não errou.

Wellington

Pular e segurar o elástico.

Gosto de pular. É difícil segurar o elástico. Eu fico com raiva, os outros rouba.

Por quê?

Eles fica pulando, erra e fala que não errou. A Greice que faz isso. Daí eu xingo ela. Eu bato ah! ah! ah! (falando-rindo). Daí eu falo assim: é a minha vez, né?, e ela fica pulando. Eu falo: é a minha vez. Daí a gente tem que mexer no elástico prá ela perder.

Malu

Tem brincadeira em que você fica bastante tempo?

De elástico (pude observar o quanto ela gosta!). Às vezes, enjoa um pouco, daí para um pouco, depois começa de novo. Agora, de esconde-esconde, se a gente para aí, as crianças não querem brincar mais, porque a gente fica cansado. Tem que ficar correndo.

Greice

Nas brincadeiras de elástico, tem hora que vocês pulam e outras que vocês seguram o elástico. O que você mais gosta de fazer?

Eu gosto de segurar o elástico, porque a gente tem que descansar mais um pouquinho.

O jogo é dinâmico, proporciona soluções no próprio jogo. Mesmo quando eu já sabia das regras que a criança ia descrever, eu a escutava como se fosse pela primeira vez. É um sentimento que fui aprendendo; pois o que importa é a sua fala, e não o que eu, a partir da interrupção, gostaria que ela dissesse (dizer pelo outro). Vale escutar a expressão inteira, o inusitado, a maneira como cada um expressa a mesma questão.

Greice

Por que cansa pular elástico?

Cansa, porque a gente brinca até às cinco, né. E a gente brinca de quem ganhar vai pular, e quem perdeu pega no elástico.

E depois troca?

Troca, depois quem falar "mão fechada" ou "mão aberta" vai pular.

Como é que é?

É assim: "mão fechada ou mão aberta" (cantando e mostrando com os gestos manuais), aí faz assim e tem gente que faz assim.

E se os dois fizerem com a "mão aberta"?

Se um fazer assim, vai junto. Se um fazer assim, vai junto.

Ah! os dois iguais vão juntos.

Érica

E como é que se faz para escolher quem começa?

Quem começa? Tem que tirar, se for de parzinho, tem que tirar mão aberta e mão fechada, e se for de três, tem que tirar dois ou um.

Como é que é mão aberta e mão fechada?

Mão aberta é assim: tem quatro pessoas, daí, assim, duas por aberta e duas fechada, daí ela com ela é par, e ela com ela, se for aberta, é par também.

E se saírem três de um jeito, e só uma de outro?

Assim, se três for mão aberta e uma fechada, daí continua fazendo. Daí também de três: é dois ou um; assim, se dois por um e outro por dois, daí o que saiu é primeiro. E se dois por dois e um por um, daí é primeiro.

Essas formas de escolha, além do caráter lúdico estar presente, pois não se sabe quem jogará com quem, não deixam que a escolha seja por quem tenha maior habilidade versus quem não tenha. É claro que isto pode ocorrer, mas não é predeterminado. Uma das vezes em que as vi tirando mão aberta e mão fechada, surpreendi-me pela rapidez com que faziam os gestos, lembrando-me um jogo tradicional italiano, e foi durante um longo tempo, pois nunca ficavam os pares combinados. Depois, tiraram a sorte com dois ou um, pois haviam ficado três para o final. Meus olhos quase que não podiam acompanhar tal brincadeira. Os gestos manuais, acompanhados da atenção, falam pelo jogo.

Já ouvi dizer que só os meninos é que sabem os mecanismos de escolha e das regras dos jogos que utilizam grandes grupos musculares em detrimento das meninas que realizam brincadeiras passivas. Mas não é isso que pude observar no Lagoa Azul.

Para as crianças, o saber e o fazer integram-se quando explicam os jogos: seja demonstrando verbalmente, seja com o próprio corpo, seja com a ajuda de objetos, seja com a fala e gestos. Elas sabem aquilo que fazem.

Malu

Quando tem um monte de crianças na rua, como começa uma brincadeira?

A gente gosta de brincar de pega-pega. Quando tá com bastante gente, a gente brinca de pega-pega. Quando tá com poucas crianças assim, né, se uma tiver com elástico, a gente pula elástico.

E quando termina uma brincadeira?

Um fala assim: Ah! Vamos brincar de outro jeito. Daí uns que falam: Ah! Não, isso não tá legal, e os outros falam assim: Ah! Vamos sim, isto tá começando a ficar chato. Daí nós começa brincar de outro. Daí, se a gente tá brincando de pega-pega, a gente acha melhor brincar de esconde-esconde, daí a gente brinca de esconde-esconde.

Grande grupo, pequenos grupos, a Malu falou de uma forma de organização do grupo de lá, para que todos possam brincar. A brincadeira pode ser até a mesma realizada em outro local, mas a organização é peculiar do grupo, o jogo ensina, as regras adaptam-se ao grupo e não o grupo às regras já predeterminadas.

Em cada brincadeira, há gostos diferentes, e tudo é estabelecido rapidamente para troca ou continuidade do mesmo jogo. É uma assembléia permanente. É incrível a auto-organização.

O mais importante nos jogos é o prazer de brincar, que é uma das características da ludicidade. É um prazer de brincar que vem associado ao prazer: do gesto, da repetição do gesto, do som, do som-gesto, das sensações produzidas nos corpos, da beleza.

Brincante inspira-se passando por entre as brincadeiras e canta de improviso:

PAR OU ÍMPAR?
MÃO ABERTA MÃO FECHADA
DOIS OU UM?

O QUE IMPORTA É NÓS
BRINCANDO JUNTOS

O QUE IMPORTA É NÓS
ALEGRES RINDO
O QUE IMPORTA É NÓS
REPETINDO

O QUE IMPORTA É NÓS
BRINCANDO JUNTOS

CAINDO
DISCUTINDO
INDO, VINDO

NO ENCONTRO MARCADO

SEM COMPROMISSO
DE SER DESPIDIDO
DE SER REJEITADO

O QUE IMPORTA É NÓS
BRINCANDO JUNTOS

O dia em que eu brinquei junto com as crianças foi quando entrevistei a Danúbia, que, acompanhada da Greice, trazia um elástico. Convidaram-me; tiramos mão aberta e mão fechada, depois par ou ímpar. Foram várias vezes, eu não estava entendendo, e elas movimentavam-se e falavam que teriam que tirar mais uma vez e mais outra, até que eu e a Danúbia seguramos o elástico para a Greice pular. E o elástico passava do calcanhar para o joelho, para a coxa e para a cintura. Falavam, pulavam e discutiam as regras que para mim ainda não estavam incorporadas.

Percebi que eu abaixava para levantar o elástico do calcanhar para o joelho, enquanto elas, com as próprias pernas, conseguiam girar o corpo para que o elástico fosse no lugar que queriam. É uma habilidade que elas nem se dão conta que têm. Pude perceber mais ainda a complexidade de gestos desta brincadeira que tanto encanta as crianças.

Logo juntaram-se a nós a Solange, de 8 anos, a Aline, de 6 anos, e mais duas crianças de 5-6 anos de idade. A Solange e a Aline queriam brincar, e eu cedi meu lugar a elas.

E recomeçou o ritual da escolha de quem pula e de quem segura o elástico. Como a Solange e a Aline eram as menores, e também porque chegaram depois, percebi que a Greice e a Danúbia queriam pular e, quando erravam, não queriam parar. Tanto a Solange e muito mais a Aline discutiam com elas as regras não cumpridas; e elas, na maioria das vezes, fingiam não escutar, ou argumentavam para não pararem de pular. Vale aqui anotar as relações de poder entre as crianças. A Aline falava: *"mas você errou Greice, vocês tem que segurar o elástico!"* Pude ver nesse dia outras variações, como 1,2,3 e uma outra em que uma delas faz um movimento com os pés, o qual deve ser repetido pela outra criança. A Danúbia disse: *"esse eu inventei, quero ver se você faz igual"*. Enfim, a Solange e a Aline passaram a saltar após os erros da Greice e da Danúbia, mas isso acarretou também uma discussão com as quatro.

As brincadeiras continuavam. De repente, a Danúbia começou a cantar, e as crianças, apreciando-a, sentaram ao seu redor, ouvindo-a. Sua voz era suave como seus gestos. O canto chegou ao ouvido de todos os moradores do bairro, que, calmamente, como a voz da Danúbia, vão acordando e saindo ao encontro da melodia. A princípio, só admiram, depois entusiasmam-se com o que vêem. Todas as crianças, agora, apresentam algo do que sabem, para surpresa dos seus próprios pais.

Num certo momento, a Malu pede a todos os presentes para brincarem dos jogos que as crianças do bairro brincam todos os dias. Tais jogos eram, a princípio, desconhecidos para muitos, mas depois eles perceberam que já haviam brincado um dia dessa forma, ou de uma outra muito parecida. Os rostos começaram a se

transformar em risos, os corpos caíram no chão, emitiram-se gritos, abraços espalharam-se pelo bairro nas rodas cantadas.



Inspirada nos movimentos das mãos da Danubia, Érica senta-se à beira da lagoa, e, uma a uma, as crianças começam a fazer o mesmo, sendo este gesto seguido pelos adultos. Ela aperta um pedaço de barro com uma das mãos e começa a contar uma história. Todos a imitam. Sons: só dos animais, que fazem uma sincronizada sonoplastia; luz: das estrelas; calor: dos corpos das crianças que aquecem a todos.

Assim: a gente cata um pedaço de barro, faz assim, faz uma bolinha, depois a gente faz assim, depois vai as duas perninhas, depois a gente faz uma bolinha, duas bolinhas, depois a gente põe os pezinhos. Depois a gente faz um quadradinho, daí é o corpinho, assim, depois a gente faz um mais grande, que é a parte da barriga. Daí a gente faz uma bolinha bem pequenininha, que dá pra ser o umbigo, daí depois a gente cata o braço, aqui é o braço, faz dois desses, depois faz outras duas bolinhas, mas só que mais grande pra ser a mãozinha. Daí a gente cata uma assim, enrola tipo grossinho, pra ser o pescoço. Depois a gente cata um palito de fósforo e faz um olho, não; faz a sobrancelha, o olho, o nariz e a boca.

Ao terminarem, todos permanecem calados, não sentindo vontade de ir embora. As crianças levantam-se, procuram os parentes e amigos e retornam aos seus lares. Todos levam consigo o bonequinho que fizeram.

Brincante permanece na beira da lagoa. Cobre-se e mistura-se com a terra úmida.

"O BONEQUINHO DE BARRO"

É manhã na Lagoa Azul. Uma manhã que não é igual às manhãs anteriores, que, aliás, nunca mais voltarão. É o poder das brincadeiras que permanece nos brincados de barro que estão nas portas de entrada de todas as casas. São bonequinhos de barro que cada um dos moradores, à sua maneira, produziu. O sol, que nessa manhã nasceu mais tarde, penetra-os, pintando-os com cores nunca vistas.

Relembrei a entrevista com a Érica. Ela expressa-se verbal e gestualmente, demonstrando tudo o que fala ao referir-se às brincadeiras. A entrevista exigiu que eu ficasse atento tanto no sentido de deixá-la falar como no de aproveitar outras questões a partir de fatos inusitados descritos por ela. Também tive dificuldades em retornar ao roteiro quando a conversa tomava outro rumo. Sem que eu percebesse, de início, juntaram-se algumas crianças próximo de nós, e a Érica continuava a falar, sem se dar conta da companhia. Ficaram próximas de nós, até o final da entrevista, 2 meninas de 13 anos, mais a Aline, 6 anos, que, como eu, também se deliciaram com a fala da Érica.

ÉRICA

RICA

NO BRINCAR

CRIA

HISTÓRIAS

Numa das minhas primeiras idas ao bairro, a Sandra falou-me da festa junina que os moradores organizaram. Foi no terreno onde está sendo construído o salão comunitário. A construção realiza-se com o trabalho voluntário do Dema e de alguns moradores, e também com doações de materiais. Acompanhei pela Sandra muitas etapas que se foram adaptando à

falta de recursos e às sugestões dadas pelos moradores-construtores. Ela continuou relatando-me a participação das crianças que — maquiadas, vestidas a caráter — dublaram vários artistas: sozinhas, em duplas e em trios. “*Foi uma beleza!*”, foi a frase dita por ela com muito entusiasmo.

“As crianças improvisaram um microfone feito com cabo de vassoura, todo decorado”, prosseguiu ela na sua narrativa. Foi então que eu lhe contei a respeito das minhas dublagens quando criança, as quais eram apresentadas aos meus pais através da cortina-biombo que separava o quarto deles do meu quarto-sala. O microfone também era um pedaço de cabo de vassoura.

A confraria, por sugestão da Érica, será no terreno do salão comunitário. Ela também propôs que se convidasse todos os moradores do bairro, pois eles, a partir do encontro anterior, já começavam a fazer parte da sociedade. A sugestão foi prontamente aceita, e também decidiu-se que seria organizada uma festa junina em que as crianças narrariam histórias, dublariam artistas, cantariam músicas e brinquedos cantados.

Greice

Além da televisão e do rádio, aonde mais você ouve músicas?

Lá, onde tem sonzão.

Sonzão?

Ali, no Michael, dá um som assim. A gente vai lá e dança. É legal e todo mundo dança. Todo mundo se arruma e vai dançar. Hoje vai ter.

As casas, uma a uma, foram-se esvaziando. Todos caminhavam para a festa. O espaço das apresentações estava todo iluminado pelas estrelas e pela lua. O sol, que agora repousava nas águas da lagoa, liberava calor, aquecendo todos os corpos. As crianças transformaram as histórias em jogos, a fim de que todos pudessem, além de assistir, vivenciar as atividades. E todos tiveram a oportunidade de correr, de se esconder, de (se) assustar, de dançar, de cantar, de admirar-se com os trajes e as expressões das crianças. O Michael trouxe o som. E começa a festança.

Érica

É assim: tipo, a gente contava a história do Joãozinho, daí é assim: pode contar a historinha?

Claro!

Assim: daí a mãe do Joãozinho mandou ele comprar carne e farinha, daí a mãe dele antes dela falar isto, falou que não era pra ele ir pela floresta, por causa do lobo mau. Daí o menino teimou com a mãe dele e daí ele foi para a floresta; daí ele encontrou o lobo mau; daí falou assim: seu lobo mau, a minha mãe mandou eu ir na padaria comprar carne e farinha; daí ele falou assim: cê compra a farinha eu compro a carne; daí o lobo mau foi na padaria comprar a farinha, daí ele foi lá no cemitério catá a bunda da vó dele (risos) que morreu, que morreu. Daí ele foi lá no cemitério catá a bunda da vó dele, daí ele catou, foi lá pra casa, foi embora, daí do cemitério. Daí ele encontrou o lobo mau e daí ele falou assim: muito obrigado seu lobo mau. Daí ele foi embora; daí ele falou assim, daí ele falou assim: mamãe, toma a caixa. Depois que ele falou isto, daí a mãe dele falou assim: filhinho qué comer? Daí ele falou: não mamãe, filhinho qué carne frita? Daí ele não, mamãe; daí foi de noite e ele começou a dormir, ele foi dormir, né. Depois a vó dele veio, a alma da vó dele veio de noite e ficou assim: Joãozinho, tô na porta da cozinha; Joãozinho, eu tô entrando; Joãozinho, eu tô atrás do armário; Joãozinho, eu tô atrás da geladeira; Joãozinho, eu tô debaixo da mesa; Joãozinho, eu tô no quarto dos seus pais; Joãozinho, eu tô debaixo da cama da tua mãe e do teu pai; Joãozinho, eu tô atrás do guarda-roupa; Joãozinho, eu tô dentro do guarda-roupa; Joãozinho, eu tô no seu quarto; Joãozinho, eu tô debaixo da cama da tua irmã; Joãozinho, eu tô debaixo da tua cama, daí demorou mais um pouquinho e ... peguei. (risos: meus, dela e de quem estava junto de nós).

A Érica contou essa história com vozes diferentes para os personagens que apareciam e com sons que faziam a sonoplastia.

Wellington

Vocês também vêm brincar aqui (na lagoa do Quirino) ?

Nós vem catá bambu ali, naquele bambuzal, prá fazer pipa. Daí nós passeia por aqui. Um dia tava eu e o meu amigo Leandro fazendo Cooper. Daí nós catamos um monte de goiaba do pezinho, daí nós voltamos com a barriga cheia de goiaba. Nós não queria mais fazer nada. Só goiaba.

De tão cheia que estava a barriga?

Ooopa!!

Ele foi narrando e alterando a voz expressando o estado emocional, eu rindo. Ri também pela sua expressão criativa: "ooopa".

Charles

Brincar à noite

Eu e o Wellington, a gente inventa, nós brinca de esconde-esconde. À noite que é legal. A gente brinca também de bicho. A gente coloca uma capa preta, um chapéu de boiadeiro preto, assim, né? tampando assim a cara. Daí a gente pega umas luvas preta (eu rindo). Depois a gente pega um machado emprestado: eu vim pega vocês (com a voz bem grave) e se joga no chão e faz barulho.

E as outras crianças?

"Daí eles vêm todos na casa da Sandra e eles falam: Sandrinha, Sandrinha, tem um bicho, Sandrinha. Daí ela vai lá e olha, e não tem nada. Quando eles volta, daí nós volta de novo.

O Charles dramatizou com timbres diferentes de voz, além de melodiar palavras e frases. É como se eu estivesse envolvido na ação, tal como as

crianças ao fugirem para a casa da Sandra. Creio também que eles fizeram mais de uma vez, e ainda fazem, esse jogo dramático.

As narrativas da Sandra, da Érica, do Wellington, do Charles, assim como, em outras situações, as da Danúbia, da Malu e da Greice sempre vieram acompanhadas de muita verdade. O corpo e a palavra, unidos, descreviam um jogo, ou ilustravam a narrativa de um fato inusitado que surgia. Pouco a pouco, fui-me encantado com as experiências e situações descritas.

As crianças agora começavam a cantar e realizar jogos rítmico-expressivos: sozinhas, em duplas, em grupos. Os adultos acompanharam.

Érica

Eu vi vocês também brincando de umas brincadeiras em que vocês batiam palmas, e cantavam, e falavam. Lembra delas?

Lembro. Tem que a gente faz assim junto, é de dois, que eu e a Malu fez aquele dia, até que cê falou pra mostrá?.

É. Quer mostrar?

Vem aqui, Solange. (a menina que estava escutando a entrevista). Xu xa, (ao mesmo tempo batiam palmas, tocando uma na outra) Xu xa, (repetiam as palmas) pisa no chiclete, (pisando com um dos pés no solo as duas juntas), dá uma rodadinha, (faziam este movimento), vira batatinha (agora agachando) e bunda, (tocando uma na outra).

Os gestos, repetidos rapidamente, mesclavam-se com palmas; as mãos delas tocavam-se umas nas outras. Continuaram com outros gestos-sons, desafiando-se mutuamente. Os rostos abertos, rindo — aliás, os corpos riam!

Durante a realização da entrevista, a Érica, em uma das perguntas, deu uma pausa, e eu pude perceber, pelo seu rosto, que seu pensamento estava retornando no tempo para poder descrever a cena. Nós dois silenciarmo-nos; comunicamo-nos na ausência dos sons. Não atropelei sua fala; pelo contrário,

esperei-a e pude ouvi-la atentamente. Para mim continua o aprendizado. Aprender a ouvir o outro, no seu tempo, calando-me.



Foto: Jaefir - Lagoa Azul - 1990



Foto: Raulito Guerra-Lagoa Azul - 28/08/96



Danúbia

Lembra de alguma música? (de igreja, pois ela havia citado).

Tem uma das crianças.

Como é?

"Uma formiguinha cata a folha e carrega. Quando uma solta, a outra pega.

Deus não quer preguiçoso em sua obra. Por que senão o tempo sobra".

Greice

Canta uma música.

Da Xuxa, um monte de coisa mesmo, da Mara, da Marciana. E mais dos homens que eu gosto mesmo, o mais é o MC Marcinho. Agora eu vou cantar uma das Mamonas (conjunto "Os Mamonas Assassinas", que fazia sucesso também com o público infantil nessa época) "Sábado de sol, aluguei um caminhão, prá levar a galera, prá comer feijão. Chegando lá, mas que vergonha, só tinha maconha. Os maconheiros tava doidão, querendo comer meu feijão".

Algumas das brincadeiras com sons-gestos vêm acompanhadas do artista-produto. Também no que se refere ao canto, é freqüente haver apelos a drogas (que as crianças, às vezes, desconhecem) e também a utilização pejorativa e apelativa de partes do corpo, que também passam a ser um produto daquele que canta. Às vezes, as brincadeiras vem acompanhadas de conceitos religiosos. Nota-se a influência da mídia nesses amálgamas de cantor-produto, jogo-produto.

Érica

Na festa aqui, quem você imitou?

Na festinha? Sandy e Júnior e Paquito do Latino (artistas populares: a dupla de crianças são irmãos e filhos Chitãozinho, um cantor sertanejo, e o Paquito é um dançarino que acompanha o cantor Latino, tendo a mesma função que as Paquitas da Xuxa, isto é, a de dançar e cantar às vezes junto com o artista).

Canta um pedaço.

Qual das duas?

A que você quiser.

A do Sandy e Júnior, porque a do Latino eu não fiz nada. "Desde quando te encontrei", daí faz assim pra ele, "Te encontrei, já", daí eu fazia assim pra ele (cantando e mostrando os gestos).

Danúbia

Quais músicas você canta?

Canto Xuxa, Jaine, que minha irmã dublou, Angélica, que eu dublei, Latino, que eu fico atrás e meu primo fica na frente. Só.

Canta uma música.

"A rainha da festa, no centro da arena. A noite de festa, a platéia aplaude.....Um peão preparando um cavalo".

Wellington:

Brincadeiras de cantar.

Eu, a Greice, as meninas, nós fica dublando. Que nem o dia que aconteceu a festa, nós dublamos. Aquele dia foi de verdade. (Ele dublou o Latino como na televisão).

Você gosta de cantar?

Eu adoro cantar. Coisa que eu amo.

Por quê?

Porque a gente pega o ritmo. Daí a gente sai cantando esta daí, como uma música que eu gosto "Mulher troca de marido.....É o mexe-mexe....." (eu ria, e ele, animado com minha atenção, fazia os sons de instrumentos e voltava a cantar, e o William, com seus 4 anos de idade, que estava junto de nós, por ter familiaridade com a música, cantarolava o final das frases).

Malu

Cantar. Você gosta? Onde você canta?

Eu gosto. Eu canto em qualquer lugar. Tem vez que a gente brinca de cantar.

Por quê?

Porque tem um negócio mais alto prá gente subir. Daí sobe, e escolhe uma música, e canta

Na festa, você imitou alguém?

Não.

Por quê?

Deu vergonha. Era prá mim imitar, né? Daí eu não quis. Era prá imitar "As Marcianas". Eu e a Sandra. Deu vergonha nas duas. "Não vamos imitar não. Vai ficar muito chato, a turma vai da risada da cara da gente, achar que a gente imitou feio". Daí dá vergonha.

Quando vocês cantam, acompanham gestos?

A gente canta e faz um gesto que a gente sabe, que a gente aprendeu; daí, se a gente canta e se não sabe nenhum gesto, daí a gente só canta, balançando o corpo.

E os gestos com quem você aprendeu?

A gente vê na televisão e tenta pegar os passos que eles dançam. Se a gente aprende, a gente dança que nem eles. Se a gente não aprende, a gente dança que nem a gente mesmo.

No intervalo de uma das apresentações, a Malu, que estava em cima da bela árvore da entrada do bairro com as crianças pequenas, começou a cantar baixinho para elas. Logo, as crianças maiores e os adultos começaram a focalizá-la e a acompanhá-la. O brilho agora estava no palco-árvore. As apresentações no tablado só recomeçaram quando a Malu acabou de cantar com bastante ritmo uma música da Xuxa.

Malu

Canta um pedacinho de uma música que você cantou na árvore.

Deixa eu lembrar (pausa de 10 segundos, esperei). "You pintar o arco-íris de energia. Pra deixar o mundo inteiro de alegria.....O que vale nesta vida é ser feliz....o arco-íris no ar..."

Uma árvore que caiu transformou-se camaradamente em um balanço, e é onde o Wellington leva seu pai para brincar quando ele vem visitá-lo. O bosque do Quirino é sagrado para o Wellington, parece que ele vem encontrar-se com sua mãe e traz seu pai a alguns desses encontros. As crianças subiram rapidamente na árvore da entrada do bairro quando foram pousar

para fotos. A Malu sobe para cantar cantos do Arco-íris para a Mãe que não é de lata. As árvores transformam-se em local de aconchego, de acolhida, de útero materno.

Greice

Você lembra de ter aprendido alguma brincadeira de cantar e mexer o corpo?

Quem me ensinou foi a Van, naquele dia que a gente foi dublar aqui. Ela ensinou todo mundo a dublar. É do MC Marcinho (artista que canta rap).

Como que é essa música?

Uma das meninas fica atrás dele (Charles), era eu e a Danúbia, e a Danúbia fazia de outro jeito.

E quando você canta, você dança junto?

Danço, tem vez que o MC Marcinho dança lá no lugar dele.

Quem é que dança?

O MC Marcinho. É o Charles.

Ah! O Charles. Por que MC Marcinho?

Porque nós gosta, todo mundo tá gostando do Charles, porque ele dançou o MC Marcinho.

E seus amigos, quem eles dublaram?

O Charles imitou o MC Marcinho, o Wellington imitou o Paquito do Latino, a Kátia e a Fabiana dublou o Segura o Tchan, e a Fabiana dançou a Boquinha da Garrafa, e depois a Karin dançou a Roberta Miranda.

Charles

O que você aprendeu com os outros?

A dublar. Com as meninas ali. Que todo mundo sabe, que já dublaram em outros bairros, em parque. Daí, agora nós aprendemos com elas. Foi no dia das crianças.

Quem você dublou?

O MC Marcinho, Sandy Júnior. Só. Só 2.

E você vê pela TV?

Na Xuxa mesmo. Aqueles rapaz que dança atrás prá ela lá. Daí a gente pega os passinhos deles. Os meninos grandes ensina nós. Cada passo legal. O Alexandre, Marquinhos, o Davi, o Dinei, e o Ciganinho. Esses são os que mais dança. Os mais legal.

Você lembra algum passo que você inventou?

A gente vai indo assim e depois coloca o pezinho.

Mostra.

Um, dois, três, e depois a gente vai assim: um dois, três e depois a gente vai assim (demonstrando com deslocamentos laterais e lentos).

Treinar, por quê?

Por que? Vai chegando a hora de a gente cantar. Vai que chega a hora de repente assim, prá gente cantar, daí a gente não sabe os passinhos prá dublar?

O produto, que é a apresentação, passa pelo processo, que é o treino. O aprendizado é um ato coletivo, é uma cadeia em que meninas e meninos, menores e maiores, imitam e recriam a televisão. A criança participa do processo e do produto, que não se encerra aí, pois logo se inicia um novo processo, mesmo com a lembrança ainda tão presente. E já falam na próxima festa, já se preparando para ela. Processo e produto são etapas dinâmicas e indissociáveis.

Para essas crianças, o coletivo faz parte das suas vidas, como faz da própria construção do bairro. Aliás, a festa deu vida, integrou-se à terra do salão comunitário. Elas são diferentes das crianças de outras classes, que, em grande parte do seu tempo, brincam sozinhas ou em contato só com aparelhos eletrônicos. Nesse caso, o brincar fica restrito à intermediação de adultos que, às vezes, impedem a expressividade e a autonomia em nome da ordem, do silêncio, da contenção corporal.

A festa-confraria parecia que nunca terminaria. Alguns adultos excederam-se na bebida. Nesse instante, uma luz mais forte clareou um canto da lagoa. Só as crianças

viram. Respondendo ao chamado, partem ao seu encontro. Sentam-se à beira da lagoa e recordam-se da história do bonequinho de barro, contada pela Érica. Entram na lagoa para pegar barro e em barro se transformam. As mãos começam a metamorfose, enquanto a Érica vai descrevendo parte por parte do bonequinho, com gestos de pinçar, de amassar, de enrolar, de cutucar e tantos outros que são gestos de uma parte do corpo, tão diferentes dos gestos de todo corpo que ela há pouco relatava nas brincadeiras do elástico e com a corada. Tais contrastes que não se excluem, mas se completam, ampliam a expressividade. O corpo, que nos jogos eram vibração, passa a ser concentração na modelagem. Os sons, através da fala que dá animação ao personagem, acompanham o seu nascimento e lhe darão vida.



QUE LUGAR É ESSE
QUE É DIFERENTE?
QUE LUGAR É ESSE
QUE ENCANTA A GENTE?

RISADAS OLHARES
ROSTOS BONITOS
BARULHOS BRINQUEDOS
ESQUISITOS

De novo, à beira da lagoa, cada um pega do seu corpo pedaços de barro para fazer um bonequinho da imagem do seu amigo do lado. O calor faz com que caiam todos na água, dissolvendo-se no fundo da lagoa, purificando-a a cada dia. Mas todas as madrugadas, ao ouvirem o som da DRAGA no porto de areia, os bonequinhos de barro ficam inertes ao redor da Lagoa Azul. Este gesto só permanece pelo som que sussurra com o ar: *"Para transformar o MUNDO, os HOMENS também devem ser transformados em Crianças Brincantes"*.

"O fato de que o mágico está presente na literatura e na realidade, na arte e na história sugere a possibilidade de que corresponda a um modo de olhar, a um estilo de pensamento e não somente a um estilo de criação artística. Não se trata de indagar apenas sobre os nexos entre literatura e realidade, a propósito da aura mágica que emana da escritura e da cultura. Cabe indagar se essa aura não só emana como também constitui o todo da cultura".

Octavio Ianni

ENCONTROS

Encontros. Parece ser essa a palavra: encontro do rio com o mar, propiciando o surgimento da pororoca; encontro de amigos que há muito não se viam; encontro para brincar, sem hora para começar, nem hora para acabar; encontro dos sons-gestos³ das crianças da Lagoa Azul que promovem Vida; encontro que possibilita as transformações; encontro de culturas. Enfim, encontro é com os outros e não contra os outros. Os movimentos e ruídos da DRAGA caminham para a Morte: não é encontro, é luta que aniquila, que mata, que deteriora, que abafa, que sufoca, que impede, que maltrata.

Cultura como encontro das crianças, expressando-se, através do jogo, da dança, do canto-falado, da fala-cantada, da palavra dramatizada;

Cultura como encontro das crianças, através das brincadeiras, com o espaço, desvendando-o, interferindo nele, sentindo as suas transformações;

Cultura como encontro das crianças com objetos ludicamente transformados;

Cultura como encontro das crianças com a imitação e a recriação de gestos-sons;

3 Os sons-gestos, ou gestos-sons, é o termo que especifica os sons que vêm acompanhados de gestos, ou vice-versa.

Cultura como encontro das crianças com o inusitado, com o sensível, com a fantasia, com a magia, com o sonho;

Cultura como encontro das crianças;

Cultura como encontro.

Este trabalho, com certeza, traz indagações contidas nas sete histórias narradas, que, na verdade, são uma só. São histórias de vidas de seres que habitam num canto de um bairro de um município de São Paulo-Brasil-América Latina. Traz sons-gestos de crianças brincantes. Deixo as respostas, ou melhor, outros pontos de vista para o leitor, que fará a leitura a partir da sua lente, na busca da compreensão do seguinte problema: as crianças da Lagoa Azul, através das brincadeiras com sons-gestos, produzem cultura?

Esse problema traz consigo os objetivos que o presente trabalho procurará discutir:

- 1) encontrar formas de criação e de recriação cultural pelas crianças
- 2) a partir das brincadeiras, encontrar relações entre a produção cultural e o processo de socialização das crianças.

Cabem também as perguntas: É necessária esta parte do trabalho? Servirá apenas como anexo? Terá nexos? Procurei não analisar a história, mas trazer autores que contribuíram para a sua elaboração.

A metodologia utilizada que orientou a minha passagem pelo bairro está impregnada de ações, de atitudes que já sinalizam para conceitos de cultura, sobre os quais refletirei nessa parte do texto.

Observei e entrevistei as seguintes crianças: **a Greice, o Charles, a Malu, o Wellington, a Danúbia, a Érica**. Pedi-lhes que me contassem as suas histórias. Em seguida, eu as escrevi, traduzindo-as em histórias, procurando ser um intérprete da realidade observada. Octávio IANNI observa como é bom o fato de a realidade não poder ser presa: *"A realidade não cabe no conceito,*

ela transborda-o. A realidade está além ou aquém do conceito."⁴, e prossegue em outro momento: "O ser humano não tem condições de conhecer totalmente a realidade."⁵ Marisa LAJOLO, não completando tal pensamento, mas contribuindo para esta reflexão, diz que é importante "flagrar o momento."⁶ Este pode ser único, não se repetirá da mesma forma em outra mesma situação, daí a consciência de que somos intérpretes, somos tradutores da realidade. Essa interpretação, essa tradução, será uma das muitas possíveis realizadas por nós mesmos em outro momento ou por outros pesquisadores.

Minha opção pelas crianças pobres deve-se ao fato de elas serem submetidas à dupla opressão na sociedade atual, tanto na faixa etária como na classe. Consciente desta escolha, optei por dar-lhes vez e voz, o que nas brincadeiras soa forte; mas, no mundo, apenas sussurra. Quase caladas elas estão, pois pertencem aos que não têm, aos que se calam diariamente. Por isso, coube-me ouvir a história contada por aqueles que não têm possibilidade de contá-la. Outros contam por eles. Não se trata propriamente de resgatar a história deles, mas de entendê-la a partir das próprias falas infantis, expressas pela palavra e pelas brincadeiras.

Este trabalho poderá possibilitar que estas vozes venham a incomodar, a espantar, a desestruturar outras vozes que brilham em coro uníssono, vozes que alimentam a idéia de que "o mundo é assim mesmo, e continuará sendo". Para tais vozes, a criança é um ser imaturo, e sua expressão no mundo não chega a ser relevante. A consideração de criança como ser imaturo está presente nas diversas relações de poder entre adultos e crianças.

"Quem, nas sociedades ocidentais modernas, tem sido sistematicamente definido como imaturo? A criança, a mulher, as "raças inferiores" (negros, índios e amarelos) e o povo. Qual a consequência fundamental da imputação de imaturidade a essas figuras? A

4 Apontamentos realizados no curso Poéticas da Ocidentalização ministrado pela Prof^a. Dr^a Marisa LAJOLO e pelo Prof^o. Dr. Octavio IANNI no IEL/IFCH da UNICAMP, em 26/04/96.

5 Ibid., 17/05/96.

6 Ibid., 10/05/96.

legitimidade de dirigi-las e governá-las, isto é, de submetê-las.”⁷

Foram realizadas entrevistas abertas e observações das brincadeiras infantis, as quais possibilitaram vir à tona o **discurso da criança**, que se contrapõe ao **discurso sobre** a criança. Marilena CHAÚI aponta esses dois discursos presentes nas relações humanas. O **discurso sobre** a criança camufla a dominação e utiliza-se “(...)da **regra da competência** e cuja síntese poderia ser assim enunciada: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro, qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância.”⁸ Esse discurso vem silenciar o **discurso da** criança. No trabalho utilizei o discurso sobre as crianças, a partir do discurso das crianças.

Escutei-as a partir das relações sociais que as brincadeiras proporcionam, e pude perscrutá-las a respeito de suas vivências cotidianas, sempre levando em conta seus discursos espontâneos.

As entrevistas e observações ocorreram após contatos com o bairro, com seus moradores, bem como após a escolha do local de concentração de crianças brincando. Sobre esses fatores, Paulo de Salles OLIVEIRA, ao estudar a cultura do cotidiano das pessoas do povo, observa: “Andar a pé, usar o ônibus, travar contato com o bairro, com a feição das pessoas da vizinhança é uma forma de mergulhar na vida dos sujeitos estudados.”⁹

Expliquei com maiores detalhes às crianças o estudo que eu estava desenvolvendo. Durante o mês de dezembro de 1994, realizei observações e entrevistas-piloto com 3 crianças: **Daniela, Elisangela e Eliandro**, que residem em bairros periféricos de São José dos Campos, em São Paulo, a 30 Km do bairro Lagoa Azul. O processo possibilitou-me ajustar minha comunicação com as crianças, acrescentando, retirando e modificando perguntas do primeiro roteiro. Nesse sentido, Paulo de Salles OLIVEIRA, utilizando-se das entrevistas-piloto, afirma: “Com elas fui aprendendo a aprimorar roteiros, corrigir expressões que comportassem dúbio sentido,

7 Marilena CHAÚI. Ideologia e Educação, 5, p. 29.

8 Ibid., p. 27.

9 Paulo de Salles OLIVEIRA. Vidas compartilhadas: o universo cultural entre avós e netos, tese de doutoramento, p. 69.

suprimir perguntas inadequadas (...) com elas fui, enfim, me fazendo como entrevistador.”¹⁰

Esse procedimento, aliado a outros já descritos, proporcionou-me um desempenho mais adequado à realização da pesquisa. No que se refere às entrevistas, esse mesmo autor constata: “Sendo suficientemente abertas, estimulam a expressão de vozes que até aqui ficaram caladas, talvez por não encontrar quem as quisessem ouvir.”¹¹

Também durante a realização das observações (anexo 1) e das entrevistas (anexo 2), novas questões foram sendo incorporadas ou modificadas, conforme a criança que estava sendo entrevistada, pois o envolvimento e o olhar atento da criança levava-me a perguntas específicas e individualizadas.

As crianças passam a ser consideradas como atores na pesquisa, conforme o tratamento dado por Aspásia A. CAMARGO:

“No cotidiano da entrevista opera-se, portanto, permanente incorporação de observações examinadas, polemizadas, discutidas, de tal maneira que conduza à *atualização* do roteiro, em que o pesquisador assimila e elabora, em termos de sua problemática, a vivência dos atores. A partir daí, novas questões serão formuladas, e novas respostas obtidas.”¹²

Como propõe Paulo de Salles OLIVEIRA: “(...)a primeira conversa nunca ocorria na primeira visita, de modo que ninguém tivesse que falar o que quer que fosse a um desconhecido.”¹³

As entrevistas foram individuais, com auxílio de gravador, já que houve consentimento por parte das crianças.

10 Ibid., p. 66.

11 Ibid., p. 62.

12 Aspásia A. CAMARGO. O ator, o pesquisador e a história, p. 298.

13 Paulo de Salles OLIVEIRA. Vidas compartilhadas: o universo cultural entre avós e netos, tese de doutoramento, p. 69.

Todos esses procedimentos apontaram na direção da reeducação do pesquisador. A narrativa vem acompanhada de toda uma expressividade por parte dos sujeitos pesquisados:

“A oralidade dá vida e movimento aos relatos; não é nunca uma descrição seca, fria, distante. O narrador é uma pessoa que se envolve por inteiro: gesticula, muda de feição, remexe o corpo na cadeira, modula a fala, dispersa o olhar enquanto lida com o raciocínio, volta-se para o interlocutor como que desejando saber se aquilo que diz corresponde a uma verdade compartilhada, discorre sobre nomes e personagens como se fossem familiares a quem ouve, e assim a cada momento, num gesto, numa palavra, abre-se oportunidade para que algo inusitado aconteça.”¹⁴

As histórias narradas pelas crianças do bairro Lagoa Azul seduziram-me. Walter BENJAMIN nos alerta para a extinção dos narradores, pois: “Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade de ouvintes.”¹⁵ A pesquisa possibilitou-me as duas ações: ouvir as narrativas e também narrá-las, que nada mais é que “(...) a faculdade de intercambiar experiências.”¹⁶

Embora consciente de tais limitações, o espaço escolhido para a pesquisa foi a rua, pois a vivência do lúdico sofre menor restrição de tempo que o recreio escolar, principalmente nos bairros periféricos, como é o caso desta investigação. A rua também possibilita contatos sociais com outras crianças que se tornam parceiras nos folguedos. Tais parcerias são mais espontâneas talvez por não contarem diretamente com a presença de mediadores, tais como pais ou professores.

Aos poucos, foi-me possível ir desvendando o invisível e construir o meu bairro Lagoa Azul, que já se fizera significativo para mim. É um processo de restauro o trabalho de pesquisa. Vai-se raspando lentamente as camadas da

14 Ibid., p. 365.

15 Walter BENJAMIN. Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política, p. 205

16 Ibid., p. 198.

parede, a fim de encontrar as primeiras marcas, as raízes. É importante destacar que a palavra **raiz** refere-se à: “origem, princípio, vínculo, laços morais”. O restaurador vem a contrariar muitos dos princípios da sociedade atual no que diz respeito à inovação, à padronização, ao tempo cada vez mais acelerado, à estereotipia, como nos alertam Alfredo BOSI¹⁷, e Ecléa BOSI¹⁸. O restaurador leva-nos a mundos que, a princípio, não existem mais, caso sejamos apanhados pelo processo de estereotipia; mas que, por outro lado (e ainda bem!) ainda existem; basta que a atenção seja a única parceira do nosso olhar, do nosso sentir.

Aos poucos, foram surgindo os belos cantos na Lagoa Azul, como as Cidades Invisíveis de Italo CALVINO.

Crianças produtoras de Cultura. , ; : ? ! ... Que crianças? Qual cultura? Crianças! Imaginem só! Imaturos não produzem, imaturos só consomem o que os maduros lhes oferecem.

Todas essas questões foram-me trazidas por Edmir PERROTTI, que considera que a criança, no tempo lúdico, produz cultura, entendida não como produto acabado, mas como processo de relações e de criação, ainda que seu trabalho não seja reconhecido pelo adulto. Daí os reparos que faz à visão ‘adultocêntrica’: “Pensamos sempre na criança recebendo (ou não recebendo) cultura, e nunca na criança fazendo cultura, ou ainda, na criança recebendo e fazendo cultura ao mesmo tempo.”¹⁹

Tal consideração não deixa de ser preocupante. No entanto, podemos notar que existem contradições, pois certamente a criança não é passiva em relação à influência do adulto. Como fruto desta sociedade, além de consumidora, ela também produz. E sua produção pode, ou não, vir impregnada de valores que subvertem esta própria sociedade. As brincadeiras envolvendo sons-gestos realizadas nas ruas do bairro Lagoa Azul podem ser o espaço onde as contradições aparecem, negando a passividade.

17 Alfredo BOSI, Plural mas não caótico, p. 9.

18 Ecléa BOSI. Entre a opinião e o estereótipo, pp. 111-118.

19 Edmir PERROTTI, A criança e a produção cultural, p. 18.

É sob a ótica da cultura que este estudo pretende realizar-se — cultura como modo de viver, como experiência do povo:

"Se nós queremos, ao contrário, construir uma sociedade democrática, acho que, nesse particular, devemos repensar a fundo o conceito de cultura e destruir em nosso espírito ou, pelo menos relativizar fortemente a idéia que cultura é uma soma de objetos".²⁰

A cultura da criança é expressa também na dimensão do lúdico, da criação. Esta configura-se como ato social, que se dá em comunhão, através dos contatos corporais e verbais. É no encontro das crianças que se cria e se recria, de modo a constituir novas interpretações dos atos. Compartilhando práticas e aquisições, a criança torna-se ativa, produtora de sonhos, de mundos diferentes do que é vivido. Ela transforma e se transforma ao mesmo tempo.

NARREI A GESTA DO POVO
NARREI O GESTO DAS CRIANÇAS

EM CANTOS TRANSFORMEI
GESTOS-GESTAS
GESTAÇÃO

Procurei, para este trabalho, considerar a produção das crianças da Lagoa Azul nas brincadeiras de rua no universo dos sons-gestos. Percorri uma trajetória em nada retilínea, tampouco no mesmo andamento rítmico. As **indagações** acompanharam-me durante todo esse tempo. No início, vinham-me freqüentemente as perguntas: ainda se brinca nas ruas? Meninos e meninas brincam juntos? As crianças pulam corda, cantam em roda, brincam como antes de ontem? Recriam-se sons-gestos? Será que, nas brincadeiras

²⁰ Alfredo BOSI, Tradição e contradição, p. 36.

por Murray SCHAFER. Esse autor também introduz a expressão "limpeza de ouvidos" como forma de, atentos aos sons, podermos nos maravilhar com a beleza deles.

"A poluição sonora é um dos grandes problemas da vida contemporânea. (...) Minha abordagem acerca desse problema trata a paisagem sonora do mundo com uma enorme composição macrocós mica. (...) O primeiro passo é aprender a ouvir essa paisagem sonora como uma peça de música (...). Por exemplo, meus alunos descobriram que não podiam ouvir o som dos passarinhos quando passava um helicóptero ou uma motocicleta. A solução está implícita. Se quisermos continuar a ouvir pássaros, teremos que fazer alguma coisa com os sons de helicópteros e motocicletas." ²³

Sons-gestos estão presentes no cotidiano de várias culturas: nos rituais de guerra e das danças indígenas, nos rituais dos templos religiosos, nos atos de desobediência civil, nas manifestações folclóricas, nos gritos das torcidas de futebol, no acalanto materno, em que gestos e cantiga se harmonizam, e em tantas outras situações.

O universo dos gestos-sons também faz parte no dia-a-dia da Lagoa Azul. São regras aprendidas com os irmãos, com amigos, sendo passadas pela oralidade e pela observação. Quando menos se espera, lá estão os menores pulando da sua maneira o elástico, cantarolando final das frases de um canto, imitando, recriando, adaptando, com o que têm e com o que não têm. Nas brincadeiras infantis do bairro Lagoa Azul, estas duas linguagens integradas apareceram nas cantigas de roda, nas dublagens de artistas populares, nos cantos acompanhados com movimentos, nas narrativas de histórias dramatizadas, no brincar com corda, com elástico, com cavalinho de pau, etc.

A pesquisa, no que se refere aos gestos-sons, configura-se como uma metonímia em relação à totalidade do ser, isto é, trata-se de observar a parte como um fator representativo do todo. O que se fez presente nas brincadeiras

pesquisadas não foi a linguagem corporal acompanhando a linguagem sonora, nem o contrário, mas as duas atuando coligadamente, de tal modo que uma não poderia expressar-se sem a outra.

As experiências lúdicas através dos gestos-sons, mesmo na ausência de mediadores (pais, professores, técnicos, programas de televisão), trazem consigo as marcas das figuras adultas.

Assim, as crianças os imitam, mas não como meras repetidoras de gestos e ações dos mais velhos; elas criam e recriam, dando significados próprios aos gestos e ações. São novas protagonistas. A partir de tais considerações, é possível deduzir que tais atividades representam uma produção cultural da criança?

Para Rubem ALVES, o brincar é um ato improdutivo, pois não produz objetos, mas proporciona prazer. "O brincar implica numa negação radical da lógica do mundo adulto."²⁴ Tal lógica é a do consumo, de coisas que serão usadas e descartadas num tempo cada vez mais reduzido pelo imenso número de informações, objetos e estímulos que esse mundo despeja a todo instante. Vem a subverter o mundo adulto, colocando-o 'de ponta cabeça' ou de pernas para o ar'.

A noção de tempo aqui destacada é hoje muitas vezes tida como sinônimo de dinheiro. Alfredo BOSI, ao analisar o tempo na cultura popular, de massa e erudita, afirma: "A montagem de bens simbólicos em ritmo industrial nos fornece um modelo de *tempo cultural acelerado*."²⁵ Esse tempo, que é o do relógio regulado mecanicamente, o das coisas em série, difere do tempo da cultura popular tradicional, que é cíclico. Difere também do ritmo infantil, que não quer ser regulado nem cronometrado.

Rubem ALVES exemplifica tais concepções relativas à noção do tempo ao comparar a competição dos adultos numa prova de natação durante uma Olimpíada com crianças brincando em uma piscina. Mostra-nos como esse tempo mecânico faz parte do mundo adulto. Na competição, o objetivo é ficar

²⁴ Rubem ALVES, *A gestação do futuro*, p. 102.

²⁵ Alfredo BOSI, *Plural mas não cádico*, p. 9.

o menor tempo possível na água, sendo a alegria somente do atleta vencedor (por diferença de centésimos de segundos em relação aos outros). Os demais participantes são os perdedores e estamparão tristeza no semblante. Na outra cena, as crianças querem ficar o maior tempo possível em contato com o meio líquido, pois, para elas: "(...)cada braçada é um abraço, experiência de prazer, um fim em si mesmo. Não, a água não é resistência a ser vencida, é companheira de traquinagens(...)"²⁶

A esse respeito, também se expressa Edmir PERROTTI: "A racionalidade do sistema produtivo torna o lúdico inviável, pois o tempo do lúdico não é regulável, mensúvel, objetivável. Toda tentativa de subordiná-lo ao tempo da produção provoca sua morte."²⁷

A relação com o tempo (im)possibilita a prática da atenção. A relação do Wellington com o bosque/lagoa do Quirino, quando ele disse inesperadamente: "*Um bichinho*", mostra-nos um ensinamento da atenção através de pequenos e simples atos.

O olhar atento do Wellington favoreceu o surgimento do inusitado na conversa. A dimensão lúdica também se expressa através do inusitado, da imaginação. Os espaços de brincar tornavam-se mágicos quando as crianças lá estavam. "A magia é o mais velho impulso da alma humana. Talvez por isso seja também o mais profundo"²⁸ Os objetos transformados em humanos reluziam. "Sem a intenção mágica a cultura não teria sido criada. Pois esta nasce enquanto uma recusa humana em aceitar o mundo como ele é, e também como uma expressão do sonho utópico de se criar uma *ordo amoris* (ordem amorosa)."²⁹

Na Lagoa Azul, brinca-se de elástico sem elástico, com a cadeira "amigoona", entre tantas outras coisas. Para um adulto, cujo pensamento é muitas vezes cartesiano, essas coisas não existem. Foram vários os momentos em que estiveram presentes situações mágicas no bairro, e através deles pude conectar, ainda mais, minha alma com a das crianças. Edmir Perrotti contribui nesta reflexão:

26 Rubem ALVES, *O corpo e as palavras*, p. 39.

27 Edmir PERROTTI, op. Cit., p. 20

28 Rubem ALVES, *A gestação do futuro*, p. 85.

29 Rubem ALVES, *Ibid.*,

"Ora, o tempo do lúdico não pode ser jamais o da produção capitalista. Daí o lúdico identificar-se com a criança, já que ela não está apta para o sistema de produção em virtude de o espírito da racionalidade não ter conseguido ainda domá-la."³⁰

Esses são aspectos que a ciência muitas vezes deixa de considerar, que é o invisível, o inexplicável, o incompreensível. Walter BENJAMIN, refletindo sobre os espaços e objetos de brincar, acrescenta a palavra 'incoerente' no rol de termos científicos malditos, ao criticar os especialistas que estudam coisas que devem servir às crianças. Diz ele:

"Elas sentem-se irresistivelmente atraídas pelos destroços que surgem da construção (...) Nesses restos que sobram elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e só para elas. Nesses restos elas estão menos empenhadas em imitar as obras dos adultos do que em estabelecer entre os mais diferentes materiais, através daquilo que criam em suas brincadeiras, uma nova e incoerente relação. Com isso as crianças formam seu próprio mundo de coisas, mundo pequeno inserido em um maior."³¹, pois, "(...) onde as crianças brincam existe um segredo enterrado."³²

A minha presença mostrou-se permanentemente atenta ao bairro, a seus moradores, à fala, aos gestos, ao silêncio das crianças, a fim de perceber não só as coisas visíveis que estão junto ao solo, mas principalmente as invisíveis, aquelas que se encontram abaixo do solo, no fundo da lagoa, dentro do mato queimado, no alto das árvores, dentro do boneco de barro, às vezes impedindo os nossos sentidos.

Outro aspecto observável no Lagoa Azul, diz respeito à repetição e ao treino, que são atos que as crianças fazem porque gostam, por prazer, pela própria atividade. As crianças, ao narrarem/demonstrando as brincadeiras, realizavam-nas com a alma integrada ao corpo. Fazer e saber estavam

30 Edmir PERROTTI, op. cit., p. 20.

31 Walter BENJAMIN, Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação, p. 77

32 Ibid., p. 105

integrados. Elas descreviam porque sabiam realizar. Este outro simples traço, mas não menos profundo que os anteriormente apontados, não se faz presente na maior parte de adultos na nossa sociedade, pois a vida para estes é fragmentada, dicotomizada nas mais diversas esferas do cotidiano.

Sobre a repetição, que é uma lei utilizada pelas crianças, Walter BENJAMIN observa:

“(...) sabemos que para a criança ela é a alma do jogo; que nada alegra-a mais do que ‘o mais uma vez’ (...) A essência do brincar não é ‘fazer como se’, mas um ‘fazer sempre de novo’, transformação de experiência mais comovente em hábito.”³³

Outro traço do comportamento das crianças é querer participar de todo processo, ou, como bem escreveu Ecléa BOSI, é: “A alegria de recompor o todo. Seja num gesto tão simples de modelar um patinho do barro informe, a criança vai experimentar o sentimento de criar uma coisa do princípio ao fim com suas próprias mãos.”³⁴ É a participação no processo e não apenas o produto que se torna importante. O barro foi retirado da Lagoa, transformando-se, com as mãos, em personagem de um jogo dramático que expressa o cotidiano das crianças na história contada pela Érica.

Mas que atitudes e valores são estes presentes em tais atividades lúdicas? A repetição das experiências, a participação em todo o processo, o envolvimento total, a valorização do tempo, a adaptação e transformação de objetos e espaços, a possibilidade de sonhar, de imaginar são atitudes e valores presentes nas atividades infantis que já não fazem parte da vida de uma grande parcela de adultos da nossa sociedade.

As crianças querem deixar marcas no mundo e as deixam ao vivenciar brincadeiras, ao recriar gestos-sons, ao ensinar os outros. Elas querem formar raízes, criando cultura.

³³ Ibid., , pp. 74-75.

³⁴ Ecléa Bosi, (prefácio) O Quintal mágico, p. 11.

Segundo Simone WEIL, que vivenciou e refletiu sobre a opressão no trabalho industrial:

“O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.”³⁵

Ainda segundo a autora, o enraizamento é:

“Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente”³⁶

Ecléa BOSI igualmente contribui para o tema ao considerar que: “As chaves do futuro e da utopia estão escondidas quem sabe, na memória das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos.”³⁷ E não estarão também escondidas nas brincadeiras das crianças? Essa autora ressalta a música, o canto e a dança como elementos enraizadores presentes em cultos religiosos:

“A celebração do culto envolve dois grandes princípios enraizadores: o alimento e a música. Incluímos na música os diálogos, brados, aclamações e a fala coral. (...) O candomblé enraíza profundamente, uma vez que integra o batuque e o canto, a oração e a dança.”³⁸

A festa, as brincadeiras, a participação comunitária pela melhoria do bairro são fortes elementos culturais enraizadores.

³⁵ Simone WEIL, A condição operária e outros estudos sobre a opressão, p. 347.

³⁶ Ibid., p. 347.

³⁷ Ecléa BOSI, Cultura e desenraizamento, p. 41.

³⁸ Ibid., p. 37.

Ecléa BOSI³⁹ entrevistou operárias moradoras da cidade de Osasco, desvendando o universo da Cultura Popular, que está tão distante de nós. Os preconceitos impedem-nos de compreendê-la. A relação Eu-Outro passa a ser a de negação do Outro. Como falar em alteridade, em aprendizados de culturas? A pesquisadora questiona-se e nos questiona acerca dessas questões. Porém, na medida em que seu estudo vai ocorrendo, sua atenção também se amplia, e as descobertas começam a aparecer:

“Quando o trator raspa esses claros de terra vermelha, arranca a camada escura de terra mãe, que é fértil e tem húmus, condenando o solo à esterilidade. Se lembrarmos que a palavra homem deriva de húmus, terra plantável, terra viva, compreenderemos como se desumanizou a terra.”⁴⁰

Um dos valores observados na Cultura Popular é a valorização das coisas simples. Nos folguedos infantis do Lagoa Azul, o elástico talvez é quem simbolize esse forte elemento tradicional. Trata-se de um brinquedo que passa de mão em mão, e tanto o material como o próprio jogo são fontes de prazer para as crianças. São coisas tão simples, mas que os deixem tão alegres, tão entretidos, tão encantados! De novo, a magia está presente, agora através de algo concreto: o elástico, que em outro momento desaparece, tornando-se invisível. E lá estão as crianças de novo, rindo, discutindo, criando. Descalças, com a roupa remendada, surrada.

São gestos e objetos insignificantes para a cultura do consumo, que, através dos seus meios, a todo instante, impõe a necessidade de a pessoa possuir roupas adequadas para fazer tal atividade física, especificando, inclusive, qual deve ser a etiqueta. Para a pele..., para os pés..., para o cabelo..., para beber..., para comer..., e as incoerências que se apresentam: marcas de cigarro, de bebidas alcoólicas, patrocinando atividades esportivas. É o culto ao corpo associado ao consumo exagerado de coisas tão inúteis.

39 Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias, pp. 13-28.

40 Ibid., p. 20.

É claro que não pode haver ingenuidade de minha parte no que se refere ao fato de a adaptação e recriação serem realizadas pelo fato de não ter; mas, segundo o que percebi, quando lá estive, houve a vivência lúdica de atividades sem materiais e também com materiais simples. O elástico, as brincadeiras rítmicas, em duplas e em grupos, o cavalinho de pau não foram trazidos às crianças pela televisão, mas sim por elas próprias, pois umas aprenderam com outras. O peso dos meios de comunicação quanto a essas atividades poder-se-ia dizer que é nulo. Ele esteve presente na dublagem de artistas, ou em um ou outro canto infantil que a tevê aproveitou das brincadeiras de rua, maquiando-as e dando-lhes o caráter utilitário à propaganda de produtos.

Os rituais mágico-religiosos pesquisados por Oswaldo Elias XIDIEH⁴¹ igualmente nos revelam vários elementos culturais que poderíamos considerar como ligação do homem à terra, às coisas e às pessoas; enfim, ao mundo. Este autor contempla-nos, ao desvendar esses elementos, com um mundo onde o mágico, o inexplicável — aquilo que a ciência não pode explicar (ainda bem!) — estão presentes. É o mundo da cultura popular, repleto de coisas e fatos invisíveis, imperceptíveis a tanta gente, mas que, através do olhar e do texto desse autor, tornam-se visíveis, foram ressaltados. Inexplicáveis, porém, alguns continuaram e vão continuar a sê-lo (ainda bem!). Esse mundo está nos mais simples gestos-sons de não tão menos simples seres humanos.

Sons-gestos, harmoniosamente unificados, são alguns dos elementos mágicos. Estão presentes através do canto, dos instrumentos, dos objetos, da fala, do grito, do choro, do riso, da reza, do canto-falado e da fala-cantada. Dos instrumentos e objetos, os sons partem da viola e da matraca, tocados por homens de fé. A viola é o instrumento que marca o ritmo, acompanhando e desenhando a melodia. Com toda a certeza, o aprendizado desse instrumento faz parte de um laço de amizade ou parentesco com os outros homens, aprimorando-se também pela observação. Quantos não foram os momentos para que houvesse o aprendizado: o treino, a satisfação ao tocar a primeira música! O mesmo deve ter ocorrido quando o tocador foi convidado a fazer parte de um grupo e do ritual. Belos também são os momentos do violonista,

41 Semana Santa Cabocla, Instituto de Estudos Brasileiros, pp. 13-36.

sozinho ou com amigos. Nas cerimônias descritas, os gestos das mãos (direita e esquerda ao mesmo tempo) unem-se à voz do canto.

A matraca, como nos mostrou o autor, é pura magia. Trata-se de um objeto simples, com som forte, artesanalmente fabricado, com muitas marcas devido ao uso, creio eu. Deve ter acompanhado muitas cerimônias, muitas almas, alertando-as, despertando-as. Não será a matraca também uma alma? Da mesma maneira que a viola, a matraca também integra-se ao corpo do tocador. Tremula junto com seu braço, é segurada com mãos humanas que passam a ter poder, prazer de incorporar-se ao ritual. Ela não é ornamento. Ela é personagem. Sem ela, a cerimônia não se realiza. A matraca, através do seu som, chama, alerta, desperta, amedronta, marca, integra. "(...) tem a matraca no sítio um lugar privilegiado e cercam-na, mesmo, de um certo respeito mesclado de superstição e medo."⁴²

A viola como a matraca passam do campo da materialidade para o campo dos valores, simbolizando utopia, esperança. Na Lagoa Azul, a corda e o elástico aparecem também como metáfora. Esses instrumentos-símbolos, para Lucien GOLDMAN⁴³, não foram reificados, continuam como valores de uso. Esse autor, concordando com o pensamento marxista, parte da tese de que "(...) o indivíduo, assim como os grupos humanos, constituem totalidades nas quais não se poderia, a não ser arbitrariamente, seccionar alguns setores e deles fazer realidades autônomas."⁴⁴ Estes seriam fragmentados quanto ao sentir, pensar e agir. Portanto, passa a ser arbitrário o processo de reificação que reduziu os seres humanos a compradores e vendedores, a seres abstratos, reduzindo-os também a um elemento quantitativo da produção.

A cultura popular, a partir da obra de XIDIEH, pode ser compreendida pela sua coesão. Fez parte de outras sociedades e está presente, e é aí que ela pode ressurgir por este mesmo sentimento de não-separação das coisas na vida. A expressão individual e a social das crianças do bairro Lagoa Azul são frutos da História do próprio bairro : a expressão de valores.

42 Ibid., p. 20.

43 Dialética e Cultura, pp.107-152.

44 Ibid., p. 110.

Agnes HELLER⁴⁵ utiliza a expressão “**a invencibilidade da substância humana**”, que demonstra a descontinuidade, a transformação e a preservação dos valores humanos. HELLER, ao considerar a dinâmica dos valores, demonstra o caráter evolutivo da História. O desenvolvimento do valor não é de nenhum modo contínuo. Pode aparecer em um estágio numa esfera social e aparecer ou transformar-se em outra época. Também valores que perdem seu estágio não desaparecem, ficam como possibilidades e também podem ser preservados por indivíduos ou grupos, mesmo ocorrendo várias transformações sociais. Tais fatos levam à “**invencibilidade da substância humana**”; pois: “Nem um só valor conquistado pela humanidade se perde de modo absoluto, tem havido, continua a haver e haverá sempre ressurreição.”⁴⁶ Haverá desenvolvimento de valores sempre que houver História e Humanidade.

A autora considera valor como parte do ser genérico e também o que explicita esse ser genérico. O fato de haver ressurreição de valores leva-me a dizer que estes estão enraizados: são raízes que às vezes estão em camadas profundas da terra. Em alguns lugares, são adubadas e produzem belas flores e frutos; em outros, necessitam que lhes sejam retiradas camadas e mais camadas de entulhos, ou até que se limpem os olhos para poder percebê-las.

É importante caminharmos nesse processo de vasculhar, de limpar lentamente, no sentido de tempo, e olhar as redes tecidas pelos homens, colocando-as à mostra destes e de outros homens. O alinhavo, os arremates, as novas tranças nas mais variadas cores e caminhos, os próprios homens os farão, pois isso é o sentido da História. É também o que ocorre no Lagoa Azul; pois, apesar de toda adversidade, a solidariedade é um valor que faz parte do cotidiano dos adultos e, através da expressão lúdica, também da vida das crianças.

A arte também contribui para a questão da Cultura Popular e sua relação com a modernidade.

45 O cotidiano e a História, pp. 1-15.

46 Ibid., p. 10.

Fausto, personagem de Goethe, é considerado como um herói da cultura moderna. Interessa ao texto a terceira metamorfose por que ele passa. "(...) Fausto vislumbra e luta para criar um mundo onde crescimento pessoal e progresso social possam ser atingidos com um mínimo de sacrifícios humanos. Ironicamente, sua tragédia decorre exatamente de seu desejo de eliminar a tragédia da vida."⁴⁷ Essa tragédia tem como personagens um casal de velhos, Báucia e Filemo, que são humildes, generosos, inocentes. Representam um grupo de pessoas que modernamente são denominados como ultrapassados. O casal "(...) têm um pequeno chalé sobre as dunas, uma pequena capela com um sino, num pequeno jardim repleto de lílias, e oferecem ajuda e hospitalidade a marinheiros e sonhadores."⁴⁸ É isso que incomoda Fausto, pois ele quer as terras do casal para a construção de uma torre de observação. Oferece dinheiro, e eles recusam. Fausto não se conforma e dá a missão a Mefisto (o diabo, personagem criado por Goethe) para tirá-los das terras, não importando como; aliás, ele nem quer saber de que maneira: "Isso é um estilo de maldade caracteristicamente moderno: indireto, impessoal, mediado por complexas organizações e funções institucionais."⁴⁹ Só que a missão de retirada acarreta a morte do casal — ambos morrem queimados junto com a propriedade. Fausto expulsa Mefisto.

Por que Fausto queria as terras do casal que se tornaram tão ameaçadoras? É pelo poder de ter um espaço uniforme. O novo não pode ter marcas do antigo. "O casal de velhos, como Gretchen, personificam o que de melhor o velho mundo pode oferecer: são demasiado velhos, demasiado teimosos, talvez demasiado estúpidos para se adaptar e mudar; no entanto, são pessoas belíssimas, o sal da terra em que vivem."⁵⁰

Fausto não quer a morte, pois esta simboliza o não-agir. Ao matar Báucia e Filemo, Fausto decreta a sua própria morte. Ele já fez tudo o que havia de fazer e passa a ser agora o último empecilho para esta nova sociedade. "Goethe nos mostra como a categoria de pessoas obsoletas, tão importantes para a modernidade, acaba por trazer aqueles que lhe dão vida e poder."⁵¹

47 Marshall BERMAN, Tudo que é sólido desmancha no ar, p. 66.

48 Ibid., p. 66.

49 Ibid., p. 67.

50 Ibid., p. 68.

51 Ibid., p. 69.

Na segunda metamorfose, Gretchen mãe do filho de Fausto, morre numa prisão, acusada de matar o próprio filho. Essa metamorfose "(...) devia gravar sempre em nossas mentes a crueldade e brutalidade de tantas formas de vida que a modernização varreu da face da terra. Enquanto nos lembrarmos do destino de Gretchen, seremos imunes ao nostálgico fascínio dos mundos perdidos."⁵²

Nessa bela tragédia Goethiana, os sons simbolizam valores culturais, aparecendo tanto para Fausto como para Gretchen. São valores que nem Mefisto consegue apagar. São sons da infância, momento mágico da vida; são sons da velhice, momento de sabedoria. Estão ligados à mística religiosa (sinos, órgão, vozes em coro) que nada mais é do que a busca da unidade no ser humano.

É importante trazer os estudos de Simone WEIL e de Agnes HELLER para esse diálogo. Fausto e Simone WEIL têm em comum a forte vontade de transformar o mundo; portanto é forte nos dois o ato de enraizar. Por outro lado, não há em Simone WEIL o impulso desenraizador que, como vimos, aparece contraditoriamente em Fausto. A filósofa busca a totalidade, a unidade. Com certeza, seriam temas de seus escritos os personagens: Gretchen, Filemo e Báucia, 'pequeno mundo', os marinheiros náufragos, os sonhadores, os trabalhadores, que passaram por tanto sofrimento na cidade criada por Fausto. Encantá-la-iam esses personagens pela beleza e por estarem à margem, ou, como ela própria diz, por serem 'os vencidos'. A história teria a denúncia dos atos de Mefisto e Fausto, dando voz e vez para mulheres e homens que participaram dos novos rumos da sociedade que nascia.

Por outro lado, não teria Agnes HELLER bebido na fonte de Goethe? Essa autora remete-nos aos valores que ressurgem, que fazem parte da essência humana. Os personagens citados acima, os sons e os lugares sagrados sobrevivem. Fausto podia vê-los; e esse é o seu grande dilema. Mesmo com a morte dos personagens, com a destruição dos espaços, os valores não morrem, pois estão enraizados. É preciso ter também a visão de Fausto, que, mesmo perdendo os olhos, sente-os presentes. Assim, podemos dizer que tudo o que é sólido não se desmancha no ar.

O dia-a-dia das crianças contém tanto brincadeiras que ainda não foram assimiladas e transformadas em produtos pelos meios de comunicação de massa como as que são vendidas e exploradas pela tevê. O universo das

52 Ibid., p. 60.

linguagens rítmico-expressivas tem uma certa influência da tevê e do rádio. São gestos-sons dirigidos para o maior número de pessoas-consumidoras. É importante trazer para o debate o início das atividades voltadas para as crianças, simbolizada pela personagem Xuxa, cantora-apresentadora de programa infantil desde o final dos anos 80, mais ou menos quando as seis crianças protagonistas das histórias nasciam, assim como o bairro Lagoa Azul.

Sobre a indústria cultural, que compreende milhões de pessoas vendo, ouvindo e cantando as mesmas coisas, assim se pronuncia Alfredo BOSI:

"Isso é a cultura de massa ou, mais exatamente, cultura para as massas. (...) Os processos psicológicos envolvidos nesses programas são, em geral, os de apelo imediato ao sentimentalismo, agressividade, erotismo, medo, fetichismo, curiosidade".⁵³

O grande imperativo da década de 80 era "Brasil a caminho do 1º mundo". Nessa década, proliferaram os grandes espetáculos. Na área musical, iniciaram-se os "megashows", sendo o "Rock in Rio" o precursor. A América do Sul passa a fazer parte do circuito musical de grupos e cantores americanos e europeus. É a invasão e criação de um novo mercado.

As turnês mundiais, além do lançamento de um novo disco, eram precedidas por outros produtos para serem consumidos: vídeo, videoclipe, camisetas, "botoons", revistas, reportagens em jornais, bonés. Os shows eram pretextos para o lançamento posterior do disco ao vivo, para vídeos e especiais com os melhores momentos via tevê. É o boom da indústria cultural no Brasil. É o Brasil no mercado global.

Uma das grandes aliadas do disco é a televisão. Surgem as empresas: SIGLA (Sistema Globo de Gravações Audio-visuais) - Som Livre da Rede Globo e a Disco-BAN da Rede Bandeirantes, que passam a produzir e a divulgar música para todas as idades, através dos discos, das novelas (temas nacional e internacional), dos especiais, dos festivais, do carnaval, da trilha sonora de filmes e outros.

No que diz respeito ao público infantil, o que ocorreu nessa década em relação à produção musical para crianças? Para análise, considerarei duas músicas infantis:

⁵³ Alfredo BOSI, *Dialéticas da colonização*, p. 321.

"Amiguinha Xuxa", canção interpretada por Xuxa e coro infantil, do selo Som Livre — SIGLA, de 1986, e "A ciranda da bailarina" de Edu Lobo e Chico Buarque de Holanda e coro infantil, do selo Som Livre — SIGLA, de 1983.



AMIGUINHA XUXA É HORA DE BRINCAR
ESTAMOS ESPERANDO SÓ VOCÊ CHEGAR
A FELICIDADE SE FANTASIOU DE AMOR

BOM DIA AMIGUINHO JÁ ESTOU AQUI
TENHO TANTAS COISAS PRA NOS DIVERTIR
QUERO OUVIR VOCÊS VOU CONTAR ATÉ TRÊS

1, 2, 3, VAMOS TODOS DE UMA VEZ
PULAR, DANÇAR, CORRER, CAIR NO CHÃO
CANTANDO ALEGREMENTE ESTA CANÇÃO

AMIGUINHA XUXA É HORA DE BRINCAR
ESTAMOS ESPERANDO SÓ VOCÊ CHEGAR
A FELICIDADE SE FANTASIOU DE AMOR

BOM DIA AMIGUINHO JÁ ESTOU AQUI
TENHO TANTAS COISAS PRA NOS DIVERTIR
QUERO OUVIR VOCÊ VOU CONTAR ATÉ TRÊS

1, 2, 3, VAMOS TODOS DE UMA VEZ
PULAR, DANÇAR, CORRER, CAIR NO CHÃO
CANTANDO ALEGREMENTE ESTA CANÇÃO

TODO MUNDO PULANDO
GRITANDO
DANÇANDO
TODO MUNDO CORRENDO, CORRENDO, CORRENDO
RINDO, HÁI HÁI HÁI
CHORANDO, UHI UHI UHI!
TODO MUNDO PULANDO
IMITANDO O CHEFE
CONTANDO ATÉ DEZ
1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10.

Na canção "Amiguinha Xuxa", há dois personagens. Um deles é o adulto, representado pela Xuxa, que é o professor. Este comanda e sabe. As crianças são os alunos, que apenas imitam e não sabem. Aguardam as ordens: "Estamos esperando só você chegar." Tal como acontece nos quartéis, é preciso esperar a permissão. Há uma certa anestesia, os corpos só se movimentarão quando o professor mandar. E lá vão as ordens: "Todo mundo pulando, gritando, dançando." — lembrando bem a Educação Física militarista. É claro que as ordens dadas na letra analisada vêm acompanhadas de elementos lúdicos que não eram privilegiadas nessa linha da Educação Física, mas a forma é a mesma.

A figura do professor que Xuxa representa não é aquela proposta por Marilena CHAUI:

"O professor trabalha para suprimir a figura do aluno enquanto aluno, isto é, o trabalho pedagógico se efetua para fazer com que a figura do estudante desapareça. Para isto, o professor precisa fazer um esforço cotidiano para que seu lugar permaneça vazio, pois seu trabalho é tornar possível o preenchimento desse lugar por todos aqueles que estão excluídos dele e que aspiram por ele e pelo qual não poderiam aspirar se já estivesse preenchido por um senhor e mestre."⁵⁴

O professor de que fala a autora é aquele que procura deixar a cadeira vazia para que os alunos a ocupem. Permite a alternância. O professor da letra da música é aquele que cada vez mais está grudado em sua cadeira. Sair dela é mostrar suas fraquezas, é ser capaz de cair no chão, de ser visto por cima. Deixar a cadeira vazia é levantar-se, caminhar junto com os outros, dançando, brincando. Há aqui a brincadeira da troca de cadeiras sem a preocupação de ficar sem cadeira, pois há uma para cada participante, ninguém é eliminado (a eliminação é a regra deste mesmo jogo que a apresentadora-professora-cantora-Xuxa repetia todas as manhãs, nessa mesma época, em seu programa infantil). Outras frases eram marcantes nos programas: "Vamos ver quem é campeão!", "Menino ou menina?". A criança que fica com a última cadeira ganha um prêmio do patrocinador do programa e os aplausos das crianças do mesmo sexo que ela representa, mas ganha vaias da equipe contrária. O mesmo ocorria com os outros que iam sendo eliminados.

⁵⁴ Marilena CHAUI, *Ideologia e Educação*, p. 39.

Um outro aspecto para análise é o que se refere à criação. "Imitando o chefe" é a ordem dada. Está claro que se trata de um não-incentivo à criação, pois o criar consiste justamente na possibilidade de construir coisas novas. É transformar. É mudar. É fazer diferente. O discurso da imitação vem silenciar o discurso da criação. Falar por ela é silenciá-la. "Imitando o chefe" ou "faremos tudo o que o chefe mandar" silencia o seu oposto: "Não faremos o que o chefe mandar", ou então "faremos o que o chefe não mandar", ou até o questionamento da própria figura do chefe. Eni Orlandi assim se pronuncia a respeito do "(...) silenciamento como forma não de calar, mas de fazer dizer 'uma' coisa, para não deixar dizer 'outras'. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Esta é sua dimensão política."⁵⁵

"Amiguinha Xuxa é hora de brincar. Estamos esperando só você chegar." — dizem as crianças. A hipótese de "Brincaremos enquanto ela não chegar" é aqui também silenciada. Nessas frases, observa-se a clara ideologia da submissão, do imobilismo. É isto que se espera dos futuros homens-trabalhadores.

"Nem sempre estamos dispostos à aventura da percepção: somos insensíveis e desatentos às coisas que povoam nosso mundo e, por isso, sofremos de uma perda, de um empobrecimento que nos faz capitular e enxergar através de mediações impostas."⁵⁶

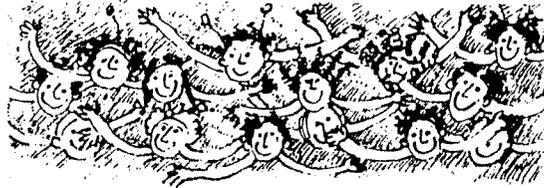
"Todo mundo correndo, correndo, correndo. Rindo, há! há! há! Chorando, uh! uh!uh! Todo mundo pulando." Uma ordem atrás da outra, sem tempo de respirar, de se integrar com o ar. Tudo num tempo acelerado. Esse bombardeamento de estímulos que exigem respostas motoras imediatas impedem a percepção e a experiência e, por outro lado, contribuem para o processo de estereotipia.

Mais uma vez vale destacar a coerência da letra da música com os valores postulados na época, os quais prosseguem hoje, ainda com mais ênfase. Negar a criança produtora de cultura é considerá-la apenas como consumidora. É consumidora de gestos, de ações, de sentimentos, de produtos, de símbolos. Tudo consumido sem reflexão.

⁵⁵ Eni Puccinelli ORLANDI, As formas do silêncio, p. 55

⁵⁶ Ecléa BOSI, Entre a opinião e o estereótipo, p. 112.

Após algumas impressões da música "Amiguinha Xuxa", gostaria de abordar certos aspectos da letra "Ciranda da Bailarina". Partirei do pressuposto de que Xuxa é a Bailarina da letra do Chico Buarque. O modelo representado pela "Amiguinha" é de alguém perfeito, de outro mundo (a capa do disco é uma nave espacial). Tão perfeita que não é de carne e osso. Não tem cheiro, não tem família; enfim, não tem problemas. É a idealização de um ser ou a morte do ser. É a personificação do ídolo, do herói construído/criado pelo poder econômico dominante.



Ciranda da bailarina

Procurando bem
 Todo mundo tem pereba
 Marca de bexiga ou vacina
 E tem piriri, tem lombriga, tem ameba
 Só a bailarina que não tem
 E não tem coceira
 Berruga nem frieira
 Nem falta de maneira
 Ela não tem
 Futucando bem
 Todo mundo tem piolho
 Ou tem cheiro de creolina
 Todo mundo tem um irmão meio zorolho
 Só a bailarina que não tem
 Nem unha encardida
 Nem dente com comida
 Nem casca de ferida
 Ela não tem
 Não livra ninguém
 Todo mundo tem remela
 Quando acorda às seis da matina
 Teve escarlatina ou tem febre amarela
 Só a bailarina que não tem
 Medo de subir, gente
 Medo de cair, gente
 Medo de vertigem
 Quem não tem
 Confessando bem
 Todo mundo faz pecado
 Logo assim que a missa termina
 Todo mundo tem um primeiro namorado
 Só a bailarina que não tem
 Sujo atrás da orelha
 Bigode de groselha
 Calcinha um pouco velha
 Ela não tem
 O padre também
 Pode até ficar vermelho
 Se o vento levanta a batina
 Reparando bem, todo mundo tem pentelho
 Só a bailarina que não tem
 Sala sem mobília
 Goteira na vasilha
 Problema na família
 Quem não tem.
 Procurando bem
 Todo mundo tem...



Em "A ciranda da Bailarina, a criança descrita e/ou a que descreve é uma criança concreta, contextualizada, como as crianças do Lagoa Azul, que idolatram a Xuxa-bailarina. É uma criança que, cada vez mais, começávamos a nos dar conta, que brotava nas ruas, nas favelas, nos bairros pobres, nas Praças da Sé. Esta criança já havia sido cantada por Chico Buarque na música "Pivete" e no "Brejo da Cruz" em parceria com Francis Hime. Esses compositores são artistas comprometidos com o fazer/denunciar um Brasil vivo. A letra é um passear pelo mundo infantil. Não se trata de um passeio solitário, mas acompanhado de muitos, é um andar observando a magia, a miséria, a alegria do cotidiano de corpos sociais. É um perceber as pequenas coisas do dia-a-dia: o corpo do outro, os trajés, as relações sociais, os espaços, as moradias, a fome. Ao contrário da outra letra, nesta, a atenção, a percepção e o conhecimento estão conjugadas no caminhar. Essas categorias só são possíveis numa relação harmoniosa com o tempo, numa relação integrada, que o ritmo e a melodia comandam. Esse é o tempo do brincar.

Entendendo o disco como produto cultural da ocidentalidade, já nessa época podemos considerá-lo como parte de uma sociedade pós-moderna; pois, como foi analisado até aqui, ele não é um produto isolado como o fora em outras épocas. Ele faz parte de um conjunto de produtos culturais para serem consumidos via meios de comunicação de massa. Portanto, podemos considerar os dois discos como pós-modernos. A pós-modernidade aqui considerada faz parte dos conceitos refletidos por Alfredo BOSI: surge "(...) nas sociedades capitalistas a partir de meados dos anos 70."⁵⁷ O autor propõe duas equações: a primeira, pós-moderno=plus-moderno, é o caminho pelo qual vemos passar a sociedade, é uma maratona contra o tempo e contra o espaço. Essa relação é notada em todas as esferas da vida: trabalho, educação, lazer, política, religião. A segunda equação, pós-moderno=anti-moderno, vem a contrapor a primeira. É claro que, ainda que com menos força no seio da sociedade, é possível detectar movimentos de resistência. Tais movimentos são oriundos de pessoas, instituições, comunidades, que vêm a negar/enfrentar a crescente tendência moderna de considerar o mundo como um grande parque de diversões para os poucos que se protegem com: armas, TV, jornal, escolas, partidos políticos, religião, livros, discos, esportes:

⁵⁷ Alfredo BOSI, *Dialética da Colonização*, p. 347.

"A resistência prossegue apesar dos altos e baixos conjunturais. Meio Ambiente, Direitos Humanos, Renda Mínima Universalizada (...) ⁵⁸ "Por isso, também faz parte da cultura da resistência o resgate da lembrança que alimenta o sentimento do tempo e o desejo de sobreviver." ⁵⁹

Os fundamentos desse autor apontam para "A Amiguinha Xuxa" como símbolo plus-moderno; pois é a manutenção do "status quo", e para a "Ciranda da Bailarina" como anti-moderno, pois esta vai na contra-mão da história oficial, questionando-a, incomodando-a.

A criança relaciona-se não só com a **vida** que é o espaço privado do lar, da família, onde deve haver proteção e segurança, mas também com o **mundo**, sendo este o espaço do público, das relações com outros seres, com instituições. Hannah ARENDT considera ser a escola o espaço de transição entre a vida e o mundo. Pelo contato que eu tive com o bairro, posso dizer que os espaços fora de casa, onde as crianças brincam, também são espaços de transição entre a vida e o mundo. ⁶⁰

É claro que a rua não é espaço para moradia. Nesse caso, as crianças que moram nas ruas passam a não ter a esfera da **vida**, são jogadas no **mundo**, são obrigadas, para sobreviverem, a adaptar e a criar regras próprias de relações. Passam a ser usadas por adultos que estão no mundo, que as consideram como mercadoria barata para as suas necessidades. Drogas, prostituição, roubo passam a ser as leis deste mundo, enquanto a vida das outras crianças deve ser protegida entre as quatro paredes.

Não são as crianças de rua que fizeram parte do meu estudo, embora a violência também seja freqüente no Lagoa Azul. A diferença é que, nesse bairro, as crianças ainda têm um lar, uma família que as protege e educa:

"Os pais humanos, contudo, não apenas trouxeram seus filhos à vida mediante a concepção e o nascimento, mas simultaneamente os introduziram em um mundo. Eles assumem na educação a responsabilidade, ao mesmo

58 Ibid., p. 360.

59 Ibid., p. 366.

60 Hannah ARENDT, Entre o passado e o futuro, pp. 234-243.

tempo, pela vida e desenvolvimento da criança e pela continuidade do mundo."⁶¹

Têm razão e muita emoção os moradores do bairro quando se esforçam na construção do salão comunitário. A Sandra disse-me que lá seriam também realizados cursos para as crianças. É notório o grande desejo por uma melhor educação para as crianças. Alfredo BOSI, nesse sentido, questiona:

"Estamos educando e sendo educados em qual cultura? Tratando-se de um projeto democrático-socializante, a resposta à pergunta pelos fins não deixará de ser pluralista e o mais abrangente possível. Educar para o trabalho junto com o povo, educar para criar novos valores de solidariedade; e, no momento atual, mais do que nunca, pôr em prática o ensino do maior mestre da Educação brasileira, Paulo Freire: educar para a liberdade".⁶²

É necessário congregarmos esforços para uma educação que não despreze o lúdico e que considere a rua como uma parte efetiva do ensino, com sua dinâmica, sua vida, trazendo para dentro das salas de aula as brincadeiras, os mistérios, a terra transformada em barro, as histórias mágicas, os sonhos noturnos, os amigos invisíveis. É preciso que não haja cadeados nas portas e que estas existam só para nos proteger do frio. É fundamental ainda que as crianças possam construir e transformar a realidade dia a dia, com suas mãos, e que o canto, o jogo, os animais acompanhem as lições. As atividades devem ser realizadas em pequenos e grandes grupos, e as aulas devem ocorrer nos mais diferentes espaços sugeridos pelas crianças e professores. E, acima de tudo, é essencial que se aproveitem as histórias de vida das crianças, que a alegria possa ser vista mesmo por quem está do lado de fora das salas e que as cores espalhem-se além do papel.

Hannah ARENDT, valorizando a relação entre adultos e crianças e chamando nossa atenção para a renovação do mundo mediante o nascimento, afirma:

61 Ibid., p. 235.

62 Alfredo BOSI, *Dialéticas da Colonização*, p. 342.

"A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele, e, com tal gesto, salvá-lo da ruína inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum."⁶³

A sociedade de consumo tem medo e age para anular: o riso pelo riso, o jogo pelo jogo, as coisas simples, a criação, a recriação, o mutirão, as festas auto-organizadas, o prazer em fazer, os vínculos com a terra, com os objetos, com os outros.

Não se ter direito à terra é também privar-se do lúdico. As classes dominantes do nosso país roubam e escondem, a cada segundo, espaços que poderiam tornar-se lúdicos. Aumenta progressivamente o número de crianças de rua. Espalham-se, a cada segundo, drogas nos bairros, nas praças, nas escolas. Em 05 de outubro de 1997, numa visita ao meu pai, que estava hospitalizado em Curitiba, presenciei uma cena que já faz parte das minhas memórias indeléveis: **dois meninos**, de idade média igual à **da Greice, do Charles, da Malu, do Wellington, da Danúbia e da Érica**, travavam uma luta (quase que silenciosa, pois as forças deles não permitiam que fosse de outra maneira) por um pouco de cola em um saco plástico azul-claro. Acabaram por chegar a um acordo, e começou a divisão da cola entre os dois. Eles e eu estávamos na Boca Maldita, tradicional calçadão no centro da capital paranaense. Deixei minhas mais sutis impressões do momento em palavras e na música que tentam expressar o som e os gestos das crianças.

63 Hannah ARENDT, *Entre o passado e o futuro*, p. 247.

DIVIDIRAM A COLA NO CALÇADÃO
DA BOCA MALDITA

MALDITOS HOMENS QUE COM SEUS ATOS
IMPEDEM CRIANÇAS DE CRESCER

MALDITOS HOMENS QUE COM SEUS ATOS
IMPEDEM
CRIANÇAS DE CRESCER
DE SER

ACREDITO NA DIVISÃO
DA TERRA DO BRINQUEDO DO PÃO
DA LIÇÃO DE CASA

ATÉ QUANDO DIVIDIRÃO
A COLA

COLA QUE SE TORNE ES
COLA QUE SE TORNE EX
COLA QUE SE TORNE

ESCOLA

Walter BENJAMIN fala em documentos de cultura como documentos de barbárie.⁶⁴ São documentos culturais os que escrevi?

As crianças do Lagoa Azul gostam do bairro como os moradores de Zenóbia, pois:

"(...) é inútil determinar se Zenóbia deva ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados."⁶⁵

⁶⁴ Walter BENJAMIN, Documentos de cultura, documentos de bárbarie.

⁶⁵ Ítalo CALVINO, As cidades invisíveis, pp. 36-37.

(ANEXO 1)

ROTEIRO DA OBSERVAÇÃO

- * Em que espaços as crianças brincam?
- * As crianças brincam sempre juntas?
- * As crianças de idade e sexo diferentes brincam juntas?
- * As pessoas mais velhas participam das brincadeiras?
- * De onde são as crianças que brincam juntas? Da mesma rua? De ruas diferentes?
- * Quando começam a brincar? Quando param?
- * Como é a formação nas brincadeiras?
- * Quanto tempo é dispensado ao canto e movimento em relação a outras brincadeiras?
- * Quais as modificações ocorridas no canto ou no movimento corporal?
- * Quais são os materiais utilizados? São novos, usados? De quem são? São sempre os mesmos?
- * Quem ensina a criança que está aprendendo? E de que maneira a ensina?

(ANEXO 2)

ROTEIRO DA ENTREVISTA

Eu vou fazer algumas perguntas para você, e gostaria que respondesse. É sobre as brincadeiras que eu vi entre você e seus amigos.

01. Você pode me dizer como é teu dia? O que você faz quando acorda?
02. E à tarde? E à noite, você brinca? E nos sábados e domingos?
03. (Caso fale de obrigações) Quais são? Você gosta de fazer? Por quê?
04. Em que lugares vocês brincam? E em qual você mais gosta de brincar? Por quê?
- ***. Em casa, que tipo de brincadeiras vocês fazem?
05. Você falou da rua. Por que você brinca na rua?
06. Em que lugares da rua vocês brincam?
07. Do que vocês brincam na rua?
08. Você falou da brincadeira do elástico. Vocês sempre brincam dessa brincadeira? Você poderia me ensinar?
09. Com quem você aprendeu? Você se lembra quando foi?
10. Nas brincadeiras com elástico, tem hora que vocês pulam e outras que seguram o elástico. De qual você mais gosta? Por quê?
11. E as brincadeiras com corda, também têm canto com movimento? Como é isso?
12. Você se lembra com quem aprendeu a brincar com corda?
- ***. Quais materiais vocês usam nas brincadeiras? Onde vocês conseguem? (lembra-se do dia das brincadeiras com aquele tubo de madeira?) O que vocês faziam?
13. Tem outras brincadeiras que você se lembra com canto e movimento? Como é?
14. Você se lembra de alguma criança que não conhecia alguma destas brincadeiras e você tenha ensinado? Como foi?
15. E a do elástico? E a da corda?
16. Eu vi que nestas brincadeiras participam meninos e meninas. Todos gostam de brincar?
17. De que idade são as crianças que brincam com elástico? E com corda? E com outras brincadeiras que têm canto e movimento?
- ***. Você treina com elástico? Como você faz para treinar?

***. Eu vi vocês brincando de elástico sem o elástico. Vocês brincam sempre? Como é esta brincadeira?

18. Aqui nesta rua vêm crianças de outras ruas brincar?

19. Você aprendeu alguma das brincadeiras com canto e movimento com alguma criança de outra rua? E ensinou?

20. Quando vocês brincam com essas brincadeiras, todas as crianças que estão perto também brincam?

21. Quando tem um monte de crianças na rua, quando é que começa uma brincadeira? E quando termina?

22. Das brincadeiras com canto e movimento que vocês fazem na rua, vocês também brincam na escola? (em caso positivo) em que horário? É do mesmo jeito na rua e na escola? Qual a diferença?

23. Você aprendeu alguma brincadeira de cantar ou falar e mexer o corpo na escola? Com quem? Como é essa brincadeira? Você gosta?

24. E em casa, você canta? (em caso positivo) Sozinho? Com alguém? Quando você canta, você dança junto?

25. Você aprendeu a cantar com alguém da sua casa? (em caso positivo) Com quem? Você se lembra da música? Você se lembra como foi?

26. Você quer me ensinar um canto de que você goste?

***. Eu vi você imitando cantoras. De quais você gosta? Você treina? Inventa outros movimentos?

***. Na festa junina, teve imitação de artistas. Como foi? Quem você imitou? E os seus amigos?

***. Eu também vi vocês brincando de roda e de brincadeiras de bater palmas e cantar. Mostre para mim.

***. Outra brincadeira que eu não conhecia era aquela que quem ficasse com as pernas abertas deveria rebolar. Como é esta brincadeira? Onde aprenderam? Com quem?

27. Você disse que gosta de assistir televisão. De que programas você mais gosta?

28. Em algum desses programas, tem canto com movimento? Qual programa?

29. Você se lembra de algum canto com movimento? Você canta junto e repete os movimentos? Me mostre como é.

30. Tem algum programa de televisão que ensina cantar? (em caso positivo) Qual?

31. Você se lembra de algum canto que ensinaram? Quer me mostrar?

32. Você ouve rádio? (em caso positivo) O que gosta de ouvir no rádio? (caso diga músicas) De quais mais gosta? Você canta junto? Quer me mostrar?
33. Além da TV e do rádio, onde você mais ouve músicas? (caso diga toca-discos ou gravador) que discos você tem na sua casa? E fitas? De quais você mais gosta?
34. Você escuta sons e barulhos quando está na rua? (caso positivo) Qual(is)? De qual(is) mais gosta? E de qual não gosta?
35. Você faz algum barulho com o corpo? (caso positivo) Quer me mostrar? Com quem você aprendeu? Foi você quem inventou?
36. Você gosta da lagoa? Por quê? Você faz alguma brincadeira com a água da lagoa? E as outras crianças?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. O corpo e as palavras. In: BRUHNS, Heloisa T. (Org.) **Conversando sobre o corpo**. Campinas: SP: Papyrus, 1985.
- ALVES, Rubem. **A gestação do futuro**. 2.ed. Trad. de J.F. Duarte Jr. Campinas: SP: Papyrus, 1987.
- ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad. de M.W.B. Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 3.ed. Trad. de M.V. Mazzari. São Paulo: Summus, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Trad. de P.S. Rouanet. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. de C.F. Moisés & A.M.L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: NOVAES, Adauto (coord.) **Tradição e contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/FUNARTE, 1987.
- BOSI, Alfredo. Plural mas não caótico. In: _____(org.) **Cultura Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 2.ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras operárias**. 5.ed. ampliada. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1981.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 1987.
- BOSI, Ecléa. Cultura e desenraizamento. In: BOSI, Alfredo (org.) **Cultura Brasileira**, São Paulo: Ática, 1987.
- BOSI, Ecléa. Prefácio In: BUITONI, Dulcília Schoeder. **Quintal mágico**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BOSI, Ecléa. Entre a opinião e o estereótipo. In: **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, n.º 32, pp. 111-118, março de 1992.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Nas ruas, os caminhos da cidade. In: **Cadernos de História**. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, n.º 1, pp. 27-38, jan./dez. de 1992.
- CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. de D. Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

- CAMARGO, Aspásia A. O ator, o pesquisador e a história: impasses metodológicos na implantação do CPDOC. In: NUNES, Edson de O. (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. Ideologia e educação. In: **Educação e sociedade**. São Paulo: Cortês & CEDES, Ano II, nº 5, pp.24-40, janeiro de 1980.
- GOLDMAN, Lucien. **Dialética e cultura**. Trad. De L.F. Cardoso, C.N. Coutinho e G.V. Konder, 2.ed., 1979.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Trad. De C.N. Coutinho e L. Konder. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. Tese de doutoramento. **Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações avós e netos**. vols. I e II. São Paulo: USP: Instituto de Psicologia, 1993.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos**. Campinas: SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- PERROTTI, Edmir. A criança e a produção cultural. In: ZILBERMAN, Regina (org.) **A produção cultural para a criança**. 4.ed. Porto Alegre: RS: Mercado Aberto, 1990.
- REVEL, Jacques. Os usos da civilidade. In: **História da vida privada, 3:** (org) Roger Chartier; Trad. de H. Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SCHAFER, Murray. **O ouvido pensante**. Trad. de M.T. de O. Fonterrada & outros. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.
- XIDIEH, Oswaldo Elias. **Semana Santa Cabocla**. Instituto de Estudos Brasileiros: Universidade de São Paulo, 1972.
- WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Trad. de L.G.G. Langlada. Seleção e apresentação de Ecléa Bosi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.